



Eliézer Rodrigues

Osmundo Pontes *100* anos

Entre a toga
e a crônica

Eliézer Rodrigues

Osmundo Pontes *100* *anos*

Entre a toga
e a crônica

Fortaleza - CE
2020

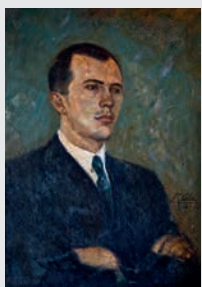
Ficha técnica

"Entre a toga e a crônica – Osmundo Pontes- 100 anos"

Autor: Eliézer Rodrigues



Jornalista e escritor, formado pelo Curso de Comunicação da Universidade Federal do Ceará; trabalhou nos principais jornais do Ceará, O Povo e Diário do Nordeste, ocupando cargos de chefia de reportagem, editor de cadernos de cultura e de repórter especial. É servidor do Tribunal Regional do Trabalho do Ceará, lotado na Divisão de Comunicação Social. É autor do livro "A Avenida Santos Dumont no contexto da cidade" – 2019.



CAPA: Retrato de Osmundo Pontes, pintura a óleo, de autoria do artista plástico cearense Raimundo Cela. Ano 1944. Reprodução: Carlos Barbosa.

Diagramação eletrônica e capa: Renan Rodrigues

Revisão editorial: Hugo Cardim – Diretor de Comunicação Social do TRT/CE

Obra realizada em conjunto pelos seguintes setores do TRT/CE:

* Divisão de Comunicação Social

* Memorial da Justiça do Trabalho no Ceará / Seção de Memória

* Núcleo de Cerimonial

Realização:  **Tribunal Regional do Trabalho**
7ª Região | Ceará

Ficha Catalográfica

Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães - CRB 3/801-98

R 696 O Rodrigues, Eliézer
Osmundo Pontes- 100 anos: entre a toga e a crônica / Eliézer Rodrigues.- Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2020.

104 p.
ISBN: 978-65-5556-084-8

1. Biografia individual I. Título

CDD: 920

Apresentação

Dr. Osmundo Pontes evidenciou a Justiça do Trabalho do Ceará

*Paulo Carneiro Porto**

Quando conheci o Dr. Osmundo Pontes, eu era ainda menino. Algumas vezes, meu pai, Paulo da Silva Porto, me levava à Junta de Conciliação e Julgamento de Fortaleza, da qual inicialmente era servidor, e, depois, suplente de juiz do trabalho, denominação alterada posteriormente para juiz do trabalho substituto. A Junta funcionava em um imóvel situado na Rua Barão do Rio Branco, mais ou menos na metade do quarteirão entre a Avenida Duque de Caxias e a Rua Pedro I. E lá encontrava o Dr. Osmundo Pontes, presidente da Junta. Tenho em minha memória, em contornos ainda perceptíveis, a imagem da sala de audiências repleta de pessoas, entre partes, advogados, testemunhas etc., com o mobiliário tradicional da época, tendo à mesa principal e no centro dela o Dr. Osmundo Pontes a presidir os atos processuais. Sem entender bem o que se passava, ficava admirado ao vê-lo conduzir os trabalhos em meio àquela quantidade de pessoas, num ambiente que não oferecia as condições necessárias para desenvolver bem a atividade.

Tempos depois, quando servidor do Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região, reencontro o Dr. Osmundo Pontes, que já era membro da Corte. E, a partir daí, e mesmo pelo fato de o meu pai também ter ingressado no segundo grau de jurisdição, passei a ter um convívio maior com a família Pontes, tendo formado relações de amizade com todos os seus membros, em especial o casal Anísia Maria Pontes Gurgel (Nizoca), filha dele, e João Cirino Gurgel.

O Dr. Osmundo Pontes era um homem de um dinamismo próprio, e, por conta disso, transitava por diversas áreas.

Na esfera jurídica, foi juiz do trabalho, presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Fortaleza e, posteriormente, presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região, cargo que ocupou de 1976 a 1978, de 1978 a 1980 e de 1986 a 1988. Nesses períodos, a 7ª Região da Justiça do Trabalho experimentou várias mudanças, engrandeceu-se como instituição e passou a ser conhecida e reconhecida por todos. E isso graças ao entusiasmo do Dr. Osmundo Pontes, que sempre procurou colocar em evidência a Justiça do Trabalho do Ceará. Entre as ações que considero mais emblemáticas de suas gestões e que deram proeminência à Justiça do Trabalho do Ceará, destaco a realização de dois eventos internacionais: o Seminário Latino-Americano de Direito do Trabalho, ocorrido nos dias 14 e 15 de agosto de 1978, no Centro de Convenções de Fortaleza; e o Congresso Internacional de Direito do Trabalho, realizado no período de 19 a 21 de setembro de 1979, também no Centro de Convenções de Fortaleza. Esses conclaves internacionais elevaram o conceito da Justiça do Trabalho do Ceará a um patamar de relevância ímpar. No encerramento do Congresso Internacional, disse ele: “sairemos daqui, cheios de maiores esperanças na Justiça Trabalhista, fitando-a de frente, crendo mais do que nunca na sua função normativa e pacificadora, como que iniciando dias novos ou inaugurando concepções mais humanas”.

Como jornalista, também teve atividade intensa. Fundou a Revista Contemporânea, da qual foi editor, e que tratava de assuntos diversificados, como entrevistas, reportagens, colunismo social, eventos artísticos e culturais etc. Criou, também, o Jornal Diário da Tarde. Foi colaborador assíduo dos jornais O Povo, Correio do Ceará e O Dia (Teresina/Piauí). Promoveu entrevistas com altas personalidades, sendo as mais expressivas as realizadas com o jurista Clóvis Beviláqua e com o escritor José Lins do Rego.

No campo da literatura, foi membro efetivo da Academia Cearense de Retórica, do Conselho Estadual de Cultura e da Academia Cearense de Letras, onde ocupou a cadeira de nº 21, destacando-se que a posse na Academia Cearense de Letras ocorreu na sala de sessões do Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região, sendo que, na ocasião, foi saudado pelo acadêmico Eduardo Campos, realçando-se da saudação o seguinte excerto: “A toda certeza, senhor juiz Osmundo Pontes, sois (sic) um

*Plauto Carneiro Porto
Desembargador presidente
do TRT/CE



humanista debruçado sobre o mundo, não contentado na usura de ver a própria interioridade, mas a grandeza da dimensão humana das “outras gentes” de que nos fala o autor de “Os Lusíadas”. Em todos os momentos em que empreendeis, o andejo marinheiro de permanente predisposição para partir, que sois, não decorre apenas da efetivação de contemplativo turismo, mas de verificação, da real interpretação de pessoas e paisagens, que, aparentemente alheias, vos tocam sempre o coração, desejavelmente caras”.

Ainda na seara literária, publicou as obras “Notícia Histórica de Massapê”, “Portugal e Outras Pátrias”, “China: Homem e Paisagem” e “Portugal dos Meus Amores”. Aliás, viajar pelo mundo, imergir em outras culturas, sorvendo-lhes as identidades, e registrá-las, era um de seus enlevos preferidos. Numa época em que não havia internet, era prazeroso acompanhar as viagens por meio das crônicas/notas que publicava em jornais locais.

Mas, não teria conseguido se desincumbir de tão intensa atividade se não tivesse ao seu lado a fibra, a inteligência, a dedicação e o companheirismo de Cybele Valente Pontes, sua mulher, com quem constituiu uma família sólida e exitosa, acrescida depois de genros, noras, netos e bisnetos.

Por tudo isso, esta biografia enriquecida com vasto material fotográfico, de autoria do jornalista Eliézer Rodrigues, concebida quando se comemora o centenário de nascimento do Dr. Osmundo Pontes, é justa homenagem àquele que marcou indelével passagem por este mundo, legando múltipla e intensa contribuição aos vindouros.

Apresentação

Centenário de Osmundo Pontes, o Acadêmico Viajor

*Angela Gutiérrez**

Com menos de cinco anos de idade, Francisco Osmundo Pontes despede-se de sua terra de berço, Lábrea, pequena cidade no Estado do Amazonas, onde viera à luz no dia 4 de novembro de 1920, para empreender a primeira viagem de sua vida, ao lado dos pais, José Manassés Pontes e Maria Sabino Pontes, cearenses que retornam à Terra do Sol e da Luz.

Nesse momento, seu destino dava sinal de que, no futuro, seria cativo do que o Acadêmico Eduardo Campos, na belíssima oração com que recebe Osmundo Pontes na Academia Cearense de Letras, no dia 13 de janeiro de 1989, chama de “permanente predisposição para partir”. O então novel Acadêmico, na continuidade da cerimônia de sua posse na Cadeira 21 da Casa de Thomaz Pompeu, depois de fazer o elogio de seu patrono, José de Alencar, e de seu antecessor, Raimundo Girão, resenha a própria obra, afirmando que “representa

tudo o que realmente sou: um viajor de muitas viagens e um observador das belezas da natureza e das atitudes e posições do homem nas suas colocações no espaço e no tempo”. No mesmo discurso, com a modéstia que ornava sua personalidade, refere-se ao legado que oferecia à Academia: “Não trago uma copiosa carga literária [...] Três livros: Portugal e Outras Pátrias, China: Homem e Paisagem e Portugal dos Meus Amores e numerosa publicação ligeira em revistas e jornais compõem a minha obra literária.”

A opinião de outros escritores diverge, porém, da modéstia revelada pelo Acadêmico. No texto “Viajar é bonito”, com que Rachel de Queiroz apresenta Portugal e Outras Pátrias, de 1986, a escritora comenta: “Crônicas despreziosas, curtas, flagrantes vivos deste mundo que rola por aí; impressões originais, muito pessoais, flashes registrados por quem tem bons olhos para ver,

boa cabeça para interpretar, boa mão para botar no papel o que viu e adivinhou.” E afirma que, se viesse a realizar o sonho de uma longa viagem a Portugal, levaria “o livro do mestre Osmundo, como guia e companheiro de viagem”.

O jurista Mozart Victor Russomano, autor de obras de Direito do Trabalho e de crônicas de viagem, anota em suas impressões sobre “Alma do Cotidiano”, livro de Osmundo Pontes, publicado postumamente, em 1997: “Em boa hora, pois, Você registrou, nestas crônicas, pessoas, coisas e fatos que o cotidiano de amanhã poderia deixar esquecidas sob o cotidiano de ontem.”

Quando o Acadêmico anuncia, em discurso já citado, aguardar “oportunidade para oferecer novos trabalhos, tanto do gênero já explorado, como em outros em que almejo ser estreadante”, de certo modo, se usarmos as classificações de Walter Benjamin em seu famoso estudo “O narrador”, já desvelava que, continuando a ser o narrador de viagem, escreveria, também, em outro gênero, no caso, o de narrador sedentário, que se manifesta em Alma do Cotidiano.

Tenho prazer em salientar o preito de amor do escritor Osmundo Pontes a sua Cybele, registrado nas palavras finais do mesmo discurso: “convido a que venha participar do meu justo contentamento, minha querida mulher, Cybele, companheira de todos os dias e de todas as viagens, observadora de atenta visão e acuidade, e minha fiel e eficiente colaboradora de todos os momentos.”

Aliás, a senhora Cybele Pontes apoia, desde 1995, ano do falecimento de seu marido, a realização do Prêmio Osmundo Pontes, promovido de dois em dois anos pela Sociedade Amigas do Livro, com chancela da Academia Cearense de Letras, na intenção de reconhecer o talento de escritores e escritoras em diferentes gêneros literários.



Angela Gutiérrez

**Presidente da Academia
Cearense de Letras**

No momento em que o Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região comemora o centenário de Osmundo Pontes, com obra que refaz a linha da vida e da obra de seu ex-Presidente, a Academia Cearense de Letras une-se a essa homenagem, lembrando o Acadêmico que nos deixou, em suas crônicas, sensíveis lembranças literárias de viagens e do cotidiano que o manterão vivo na memória do mundo acadêmico e do público leitor.

*Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez; escritora, sócia efetiva do Instituto do Ceará, professora emérita da Universidade Federal do Ceará, doutora e pós-doutora em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Viajar é bonito

Um velho ditado nordestino diz que “um homem, quer-se lido ou corrido, quer-se lido ou corrido”. Osmundo Pontes pratica largamente as duas opções e tanto é lido como corrido, tanto escreve e estuda quando viaja.

Legítima vocação de *globe-trotter*, não fosse ele cearense; pois que o ideal da nossa gente é aquele sintetizado na frase do cantador de quem se indagava o domicílio: “Moro em riba das minhas apragatas e em baixo do meu chapéu...”

Osmundo, tranquilamente, realizou esse ideal, embora de maneira civilizada e com todos os confortos do progresso. Mas é na verdade um corre-mundos inveterado, tendo percorrido quase meia centenas de países – o que já é um recorde para até viajantes profissionais – em andanças que se vêm estendendo por praticamente um quarto de século.

Um quarto de século é muito pouco. Pois é mais que um pouco disso, talvez trinta anos, o tempo de conhecimento que tenho com o autor deste livro de viagens.

Era no casarão do Pici, aquele sítio de meu pai que já virou um bairro da cidade; tinha açude e tinha engenho, pomar largo de mangueiras, cajueiros, laranjeiras, sem falar do bananal e a baixa de cana; olaria de tijolos, fornos

de carvão, vacaria, todos os adereços de um sítio daquele tempo. E viviam lá meu pai, minha mãe, meu irmão Luciano, que cedo resolveu ir embora do mundo e virar saudade; minha irmã Maria Luiza, meu irmão Roberto – era uma casa de gente moça. Mas o centro de atração dos amigos era mesmo meu pai; em torno dele se reunia o grupo dominical dos amigos para o bate-papo inteligente em que se falava de tudo – literatura, política, cidade, fazenda, sertão, gente, vida. Osmundo, muito jovem então, lourinho, era um rapaz dos fiéis do Pici. Nas minhas vindas do Rio (por onde eu andava exilada) para matar as saudades de casa, sempre revia Osmundo. Bem vestido, conversador, cheio de belas ambições que parece ter realizado amplamente.

Depois que o meu pai morreu, acabou-se o Pici. Mas sempre continuei a acompanhar a carreira vitoriosa de Osmundo Pontes como magistrado; e nos mesmos jornais em que eu colaborava, lia constantemente as suas notas de viagens; porque, não custou muito, já iniciava a sua outra carreira, o de viajante.

Rachel de Queiroz, posando em frente ao casarão onde morava, no Pici, frequentado também por Osmundo Pontes, na década de 1930 (Acervo Moreira Sales)



“Crônicas
despretensiosas,
curtas, flagrantes
vivos deste mundo
que rola por aí”

Crônicas despretensiosas, curtas, flagrantes vivos deste mundo que rola por aí; impressões originais, muito pessoais, flashes registrados por quem tem bons olhos para ver, boa cabeça para interpretar, boa mão para botar no papel o que viu e adivinhou.

Neste livro iremos ler uma coletânea destas notas de viagem, escritas para jornal. Foi ideia excelente reuni-las em volume, mormente para quem, como a abaixo-assinada, tem preguiça de andar para longe; mas muito se compraz na leitura das observações de um corre-mundo, como meio de viajar vicariamente. E com a vantagem adicional de que a parte monótona e repetitiva de toda viagem está expurgada do livro; a seleção de temas é tão bem feita que só o acompanharemos nas boas coisas, nos lugares escolhidos a dedo para nos proporcionarem uma boa emoção intelectual ou artística.

Gostei de acompanhar o viajante muito especialmente nas suas várias visitas a Portugal que representam a parte maior do volume - significativamente e por isso chamado de “Portugal e outras pátrias”.



Não que haja um prazer em acompanhar o navegante aéreo por França, Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Espanha; e Holanda, Dinamarca, Suíça, descobrindo onde pulsa o coração de cada cidade visitada, onde se guardam suas melhores recordações; penetrar pelo mistério proibido da cortina de ferro, ver Iugoslávia, Polônia, Hungria, visitar terras clássicas de Grécia e Itália.

Ao chegar até o Oriente, ver China, Tailândia, Japão; miudamente Japão, como Osmundo o descreve, percorrido com amor e rico interesse.

Mas Portugal – areias de Portugal! Portugal é mais que isso tudo! Conhecê-lo só de passagem rápida por Lisboa é um dos meus remorsos na vida, um dos meus desgostos.

Se ainda algum dia eu viajar, será principalmente para lá; longamente, descansadamente, passar pelo menos uns seis meses em romaria por aquela terra abençoada, ah, são os meus sonhos!

E, se esse sonho, se essa peregrinação se realizar um dia, eu levarei comigo o livro do mestre Osmundo, como guia e companheiro de viagem; tenho a certeza de que dificilmente poderia escolher melhor.

*Apresentação do livro “Portugal e outras pátrias”, lançado em 1986.



Rachel de Queiroz apresentou o livro “Portugal e outras pátrias”, e prestigiou o lançamento da obra, em 1986, no Ideal Clube (Foto álbum de família)

Carta-depoimento

Dou-lhe nesta carta, testemunho da velha amizade que nos une, do meu apreço pessoal e, particularmente, da agradável impressão me proporcionou a leitura de suas crônicas.

“Alma do cotidiano” – como você titulóu o livro – é a alma da realidade. O cotidiano é feito de minutos que ressumam suor, sangue, amor – enfim, Vida.

Em 1932, Gilberto Amado escreveu, no frontispício de um livro do nosso caríssimo Antero de Carvalho: “É preciso viver cada minuto como se soubéssemos que seria o último. Encher a alma a cada instante. Não temos tempo a perder”.

Trinta e seis anos depois, na mesma página, o insuperável prosador sergipano reafirmou: “O minuto é côncavo. Encher minuto é a necessidade de viver”.

Você diz, e bem diz bem, que o cotidiano, para não morrer, precisa de uma alma.

A alma do cotidiano, sua sobrevivência ou perenidade, está na permanente renovação que ele sofre, sem contudo deixar de ser o que é.

O cotidiano corre como o rio. Mas, o rio é como o homem: sempre o mesmo e sempre diferente. E o homem é também como o rio: flui sobre si mesmo, sobre suas curvas, cumpre a sinuosa do seu itinerário, sem retornar, jamais, às margens por que passou.

Em boa hora, pois, você registrou, nestas crônicas, pessoas, coisas e fatos que o cotidiano de amanhã poderia deixar esquecidas sob o cotidiano de ontem.

Com o estilo simples, frase solta e sensibilidade de sobra, você conseguiu tudo isso.

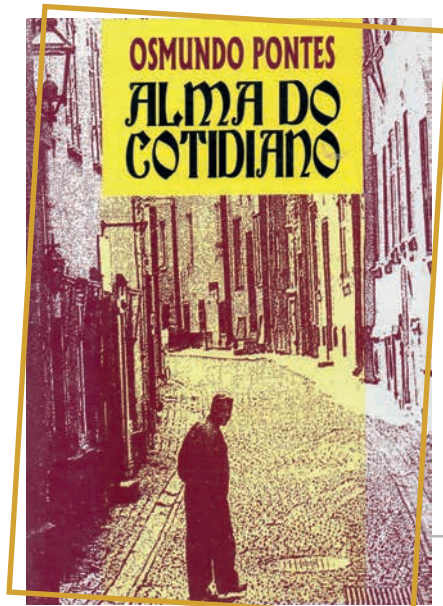
Mas fracassou – fracassou sim – em um único momento: na vã tentativa de perpetuar, em uma de suas páginas, a pessoa humana e a pobre eloquência deste seu amigo, que aqui o abraça e agora o aplaude.

• Carta – depoimento publicado no livro “Alma do cotidiano”, de Osmundo Pontes, lançado em 1997, dois anos depois de sua morte.

*Mozart Victor Russomano (1922/2010) nasceu em Pelotas/RS era doutor em direito do trabalho pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, título que obteve em 1962, e também foi ministro e presidente do Tribunal Superior do Trabalho.



Momento de descontração entre dois grandes amigos: Russomano e Osmundo Pontes (Foto álbum de família)



Carta – depoimento publicada no livro “Alma do cotidiano”, de Osmundo Pontes, lançado em 1997, dois anos depois de sua morte

Osmundo Pontes, missionário

A leitura dos livros de Osmundo Pontes revitaliza a ideia de estarmos num mundo finalista, onde viaja para o Ponto Ômega de Teilhard de Chardin; numa humanidade missionária, onde cada um está marcado por uma missão pessoal. Naturalmente, muitos caminham no tempo sem a identificação do que lhes cumpre ser e fazer. São as missões que se perdem e deixam buracos na realização do grande plano, incabível na compreensão das pessoas com apenas algumas décadas para ver o todo humano neste planeta.

“China: Homem e Paisagem”, “Portugal dos Meus Amores”, “Portugal e Outras Pátrias” são livros de viagens de um missionário consciente de possuir os olhos e ouvidos evangélicos de ver e de ouvir, para que vejam e ouçam o mundo aqueles estacionários da impossibilidade ou da indisposição de viajar.

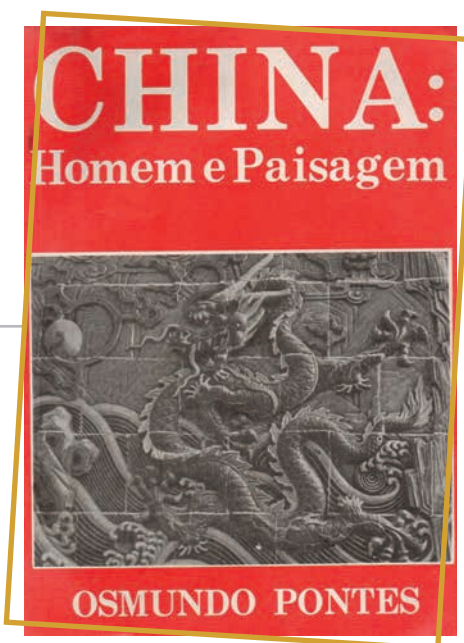
Para cumprir esta destinação, Osmundo Pontes se fortaleceu no estudo da História; mexeu com a filosofia, com arte, com estratégias de generais; bisbilhotou segredos de cidades; guardou a imagem dos

templos de muitas crenças; reverenciou estátuas; presenciou a fuga dos rios alheios; queimou olhares na contemplação dos desertos; sentiu a ambição de altura das montanhas desafiadoras de alpinistas; viu ares; viu mares; viu rastros de gênios e de santos; encontrou em muitas línguas o mesmo anseio humano de vida e de paz...

Como viu e como ouviu esse homem nosso! Todos pudemos tocá-lo, nos convívios fraternos da Academia Cearense de Letras... E resta agora dar graças a Deus pela continuidade de sua presença nos livros que deixou.

- Texto de José Costa Matos, membro da Academia Cearense de Letras, publicado no livro “Alma do Cotidiano”, de Osmundo Pontes, lançado dois anos após a morte do escritor.

As obras do autor são livros de viagens de um missionário



José Costa Matos conquistou vários prêmios literários no Ceará e em outros estados, entre eles o Prêmio Osmundo Pontes de Literatura (Foto - Arquivo)

O cronista e a Fortaleza de ontem

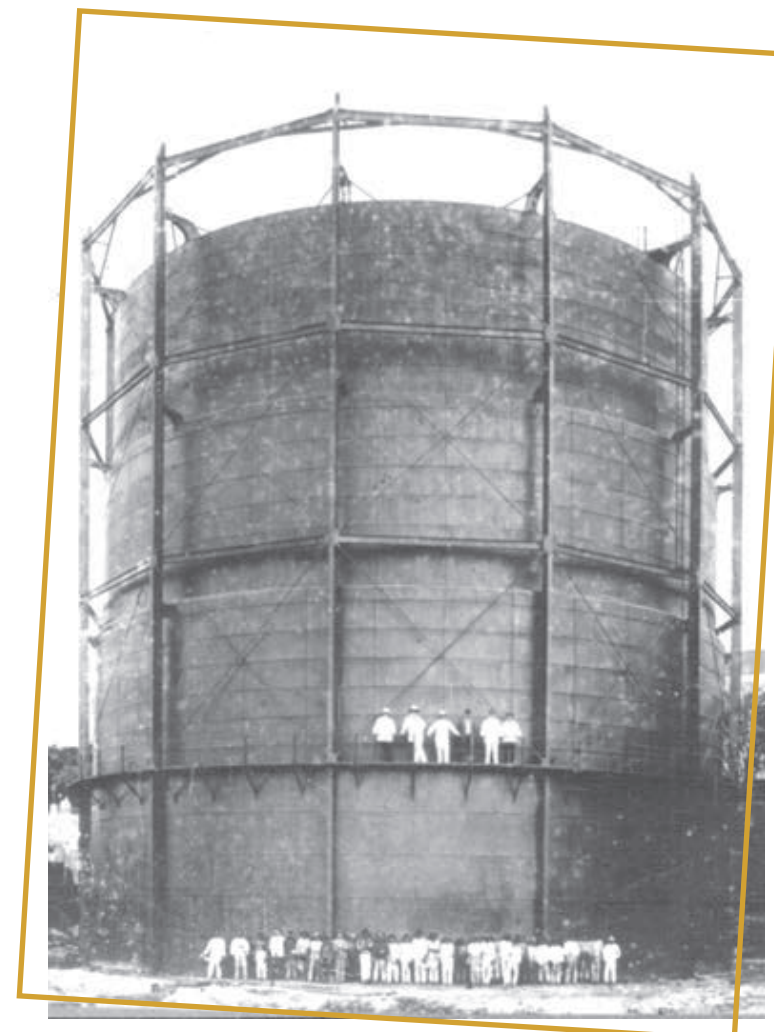
(Crônica publicada no livro “Alma do cotidiano”, onde Osmundo Pontes retrata aspectos de Fortaleza, cidade que o acolheu. O texto focaliza o cotidiano da então província, começando a se tornar metrópole, a partir dos anos de 1940).

Aromas da cidade

As cidades têm fisionomia própria, têm alma, cenários arquitetônicos ou naturais, calor humano, colorido. E algumas outrora, até exilavam cheiros que dominavam conforme sua localização: proximidades do mar ou de chaminé industriais.

Assim, ao passar por uma vacaria, onde ruminam sonolentas e bem tratadas vacas, infalivelmente, sentia-se odor fresco do leite ou o típico perfume do mais natural e inofensivo dos adubos. Das mercearias desprende-se o aroma do cedro e da violeta.

Até pouco tempo, canos, engrenagens e limalha explicavam hábito especial, portas a fora, para a rua Dr. João Moreira. Na rua Conde D’Eu, o olfato sempre acusou a presença abundante do jabá. Dos restaurantes ali improvisados saía, sobretudo, próximo do meio dia, na hora da fome, o cheiro alucinante da sopa gorda e do cozido bem adubado.



Gasômetro, ao lado do Passeio Público, derramando alcatrão, atraía crianças doentes de coqueluche, os asmáticos, os que sofriam de dispneia

No começo da “Pedro Borges”, onde se defrontavam velhas concorrentes, “A Lisbonense” e a “Nordestina”, o ar que se respirava era de pão quente, de “bolacha fogada”, de rosca e de farinha de trigo.

Eram tantos os cafés na Praça do Ferreira e na rua Guilherme Rocha, que passar por ali, ainda que sem entrar em qualquer estabelecimento, importava em “beber” muitas xícaras de moca pelas narinas. Perto do Poço da Draga, na descida do Passeio Público, o Gasômetro, derramando alcatrão, atraía crianças doentes de coqueluche, os asmáticos, os que sofriam de dispneia. Os pais e médicos de então acreditavam no poder curativo da fumaça que por ali se espalhava, de mistura com o iodo do mar.

A poluição tomou conta da cidade. As auras vindas de leste já não trazem consigo o oxigênio das matas da Volta da Jurema e do Mucuripe. Impregnaram-se de carbono. As escapações dos carros de passeio e de aluguel, e dos ônibus, principalmente, emprestam a todas urbes modernas o mesmo odor maléfico, tirando-lhes os aromas característicos.

As próprias rosas, nos jardins, parecem ter vergonha de trescalar

Perto da Padaria
Lisbonense, no
Centro de Fortaleza,
o ar que se respirava
era de pão quente
(Fotos Arquivo Nirez)



Os Pais de Osmundo

No seu último livro, “Alma do Cotidiano”, publicado em 1977/pós-morte, o escritor reservou-se a escrever sobre fatos e pessoas do seu cotidiano. “Homem de grande cultura, em que pese se manter uma pessoa simples, afável, coloquial sem qualquer vaidade”, comentou Geraldo Fontenele da Academia Cearense de Letras, na apresentação da obra.

Ele dedicou o livro aos seus pais, José Manassés Pontes e Maria Sabino Pontes e escreveu duas crônicas sobre eles, publicadas no livro:

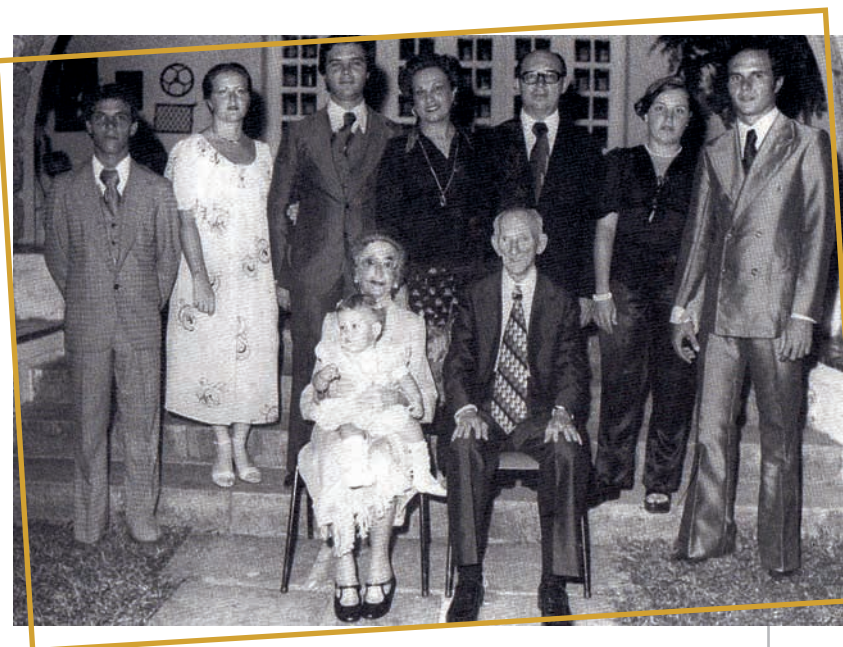
Uma das lembranças
mais antigas do casal
Manassés e Maria
(Foto álbum de família)



Trechos das crônicas:

“Minha mãe

Você me ensinou a trilhar os caminhos silenciosos onde só se ouve a voz do espírito. Você acendeu em mim a chama para que eu não cegasse diante dos mistérios insondáveis da vida. E, fitando na beleza a tranquilidade da oração, ao pé do oratório doméstico, convenci-me de que toda paz vem de Deus”....



A família de Osmundo e Cybele na comemoração das Bodas de Diamante, 60 anos de casados, de Manassés e Maria. De pé, da esquerda para a direita, Osmundo Filho; Denise e José Carlos; Cybele e Osmundo; Anísia e João Gurgel. Sentados: D. Maria com a primeira bisneta, Cybelinha e o patriarca Manassés. A comemoração aconteceu em 1979 (Foto álbum de família)

Os Pais de Osmundo

“Meu pai

O seu caminho como os dos nômades e temerários foi cheio de curvas e de altos e baixos, curvas verticais e que falam de adversidades e triunfos. Para ganhar a vida e manter a numerosa prole, aventurou-se na Amazônia, comercializando no sertão, chegando à metrópole, engrandecido pelo árduo trabalho, pela luta de sol a sol, com um bravo”...



As presenças dos pais eram constantes nas solenidades das quais Osmundo Pontes participava, numa demonstração de carinho e orgulho pelos seus genitores. Como, por exemplo, no lançamento do livro "Portugal e Outras Pátrias", em 1985, no Ideal Clube
(Foto álbum de família)



Seu Manassés marcou presença na solenidade de posse do filho na presidência do Tribunal do Trabalho, em 1986
(Foto álbum de família)

Preservação da Memória

Doze antes da inauguração do Memorial da Justiça do Trabalho, na sede do Tribunal Regional do Trabalho do Ceará, Osmundo Pontes, no seu último mandato (1986-1988) como presidente da instituição, já pensava na criação de um setor destinado ao resgate e à preservação da memória da Justiça do Trabalho cearense. Em entrevista ao escritor e jornalista Eduardo Campos, em 1988, o magistrado afirmou que era preciso instituir “uma obra necessária para que os fatos e eventos importantes na história deste Tribunal não se percam na bruma dos tempos”. O material contido na citada entrevista passou a constar do acervo de reminiscências do TRT/CE, conservados pelo Memorial da instituição.

Na citada entrevista, o magistrado fez um apanhado histórico desde quando os conflitos trabalhistas no Brasil eram dirimidos pelo Conselho Regional do Trabalho e por uma Junta de Conciliação e Julgamento, ambos subordinados ao Ministério do Trabalho. A transferência das atividades da Justiça do Trabalho para o Poder Judiciário ocorreu em 1946, com a promulgação da Constituição de 1946, em 18 de setembro. Por ocasião da transferência do órgão trabalhista para o Poder Judiciário, ficou criada a 7ª Região, com sede em Fortaleza e com jurisdição nos estados do Ceará, Piauí e Maranhão. Adonias Lima foi o juiz instalador do Tribunal. Juarez, escolhido para compor o Tribunal, deixava vago o cargo de presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Fortaleza. Assim, em novembro de 1946, Osmundo Pontes foi nomeado titular da única Junta de Conciliação e Julgamento existente no estado do Ceará.

Osmundo Pontes, também, narrou fato curioso na trajetória da Justiça do Trabalho no Ceará, no ano da criação de mais juntas de conciliação e julgamento (atualmente varas do trabalho), em 1970. Desde 1946 até aquela data só havia uma. Segundo ele, o Governo Federal só agiu após muitos movimentos de protestos de ruas, pichações de muros exigindo mais novas juntas para Fortaleza. Foram criadas quatro para a Capital e o mesmo número para o interior do Estado.

Na entrevista, o magistrado relembrou como aconteceu a compra, pelo Governo Federal, da atual sede do Tribunal, na Av. Santos Dumont, 3.384. “Em 1971, o presidente do Tribunal, Ubirajara Índio do Ceará, era amigo pessoal do ministro da justiça, o eminente Alfredo Buzaid, que, ciente das péssimas condições da Justiça do Trabalho na Av. Heráclito Graça, autorizou a compra de uma sede. O presidente da República tinha como meta dotar a Justiça do Trabalho de prédios próprios, o que facilitou a transação. A “Casa Branca da Aldeota”, como era conhecida a residência da família Jucá, estava à venda, e assim foi possível adquiri-la sem grandes dificuldades”.



A fachada da fazenda Tara, no filme



“E o vento levou”, serviu de inspiração para a construção da frente da mansão da família Jucá, nos anos de 1940. Em agosto de 1971, o imóvel foi adquirido pelo Governo Federal, para utilização como sede do TRT/CE
(Ilustração: Reprodução de cena do filme / Foto: Carlos Barbosa)

Filme inspirou a construção da fachada da sede do TRT/CE

As imponentes colunas, em estilo clássico romano, e as grandes janelas que adornam a fachada do prédio, localizado na Avenida Santos Dumont, número 3.384, trazem à memória cenas de um dos mais famosos filmes de todos os tempos, o clássico “E o vento levou”, dirigido por Victor Fleming. O lado externo da sede do Tribunal Regional do Trabalho do Ceará lembra demais o frontispício da fazenda Tara, por onde circulava a bela adolescente Scarlett O’ Hara, interpretada por Vivien Leigh.

Causo

As Testemunhas do Índio

entra e sai de pessoas nas dependências da Justiça do Trabalho, principalmente nas varas, é um frenesi presente no cotidiano. Reclamantes e reclamadas acorrem em busca de seus direitos, muito justo, numa ambientação muitas vezes de clima tenso entre as partes. E pra relaxar, de quando em vez, acontecem fatos engraçados, os famosos causos. Certa vez, quem me contou um deles, o do índio, foi o advogado Tarcísio Leitão:

“Certa vez, o Dr. Osmundo Pontes, presidente de vara do trabalho, uma extraordinária figura humana, ia viajar e estava presidindo uma audiência já no final da manhã, e eu disse para ele:

- Dr. Osmundo, dá para o senhor ouvir as testemunhas de um processo que estou defendendo, pois elas vão embora para a Amazônia, vão trabalhar na construção da rodovia Belém-Brasília e nunca mais esse pessoal vai pisar aqui. Pode ser?

E ele respondeu:

- Olhe, eu marco para uma hora da tarde. Estejam aqui, porque se eu atrasar, vou brigar com a minha mulher, pois vamos viajar.

E na hora marcada, eu estava no Fórum. Audiência iniciada. Com aquele tipo de conversa rápida, ele perguntou ao meu constituinte:

- O senhor tem testemunha que viu o senhor sendo despedido?

O constituinte respondeu:

- Não doutor, não tinha testemunha lá, não.

Aí, o Dr. Osmundo olhou pra mim, e disse:

- Dr. Tarcísio, eu vou ouvir suas testemunhas, porém terei que prendê-las.

Pois, são testemunhas falsas.

Então, eu interfeiri:

- Presidente, o senhor está conversando com um Tapeba. O padrão dele é de um índio. Pergunte com mais cuidado...

O Dr. Osmundo voltou a indagar meu constituinte:

- O senhor tem testemunha que viu o seu patrão lhe despedir?

O índio:

- Não, doutor. Não tinha testemunha. Porque lá não *trabaia hômi*, lá só *trabaia muié*.

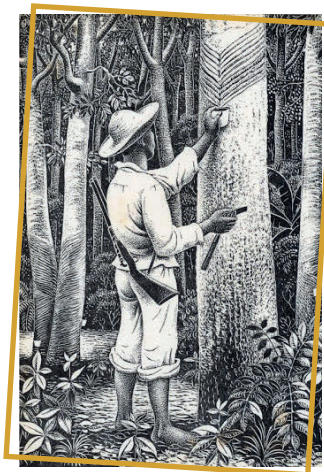
O índio entendia que testemunha deveria ser apenas do sexo masculino”.



Linha do Tempo

1847

A migração de cearenses para a Amazônia começou com João Gabriel de Carvalho e Melo, natural de Uruburetama, chegando à Amazônia dez anos depois. Segundo o escritor e jornalista cearense Soares Bulcão, na crônica “O Comendador João Gabriel”, publicada na Revista do Instituto Histórico do Ceará, em 1932, página 25, “Cabe a João Gabriel o mérito, na qualidade de primeiro bandeirante cearense, senão na Amazônia, na sua grande artéria fluvial que é o Rio Purus”.



1871

No mês de dezembro, o maranhense coronel Antônio Rodrigues Pereira Labre chegou ao baixo do Rio Purus, juntamente com outros conterrâneos, instalando-se numa área ribeirinha que futuramente seria denominada de Lábrea, em homenagem ao seu fundador, lugar em município, anos depois.

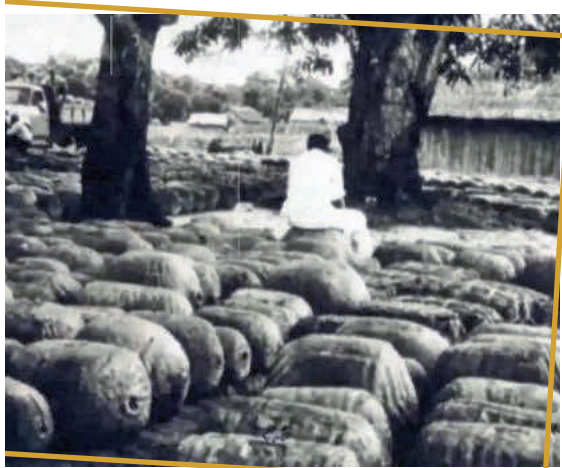


1879

Segundo historiadores, o chamado Ciclo da Borracha aconteceu entre 1879 e 1912, ocorrido na região central da Floresta Amazônica, com a extração e comercialização do látex para a produção da borracha e atraiu milhares de brasileiros, principalmente nordestinos.



1900



Autor do clássico da literatura brasileira “Os Sertões”, Euclides da Cunha esteve na Amazônia de 1904 a 1905 e escreveu o livro “À margem da História”, sobre a sua permanência na região Norte do Brasil. Na obra, o escritor cita informações colhidas de um seringueiro cearense.



02

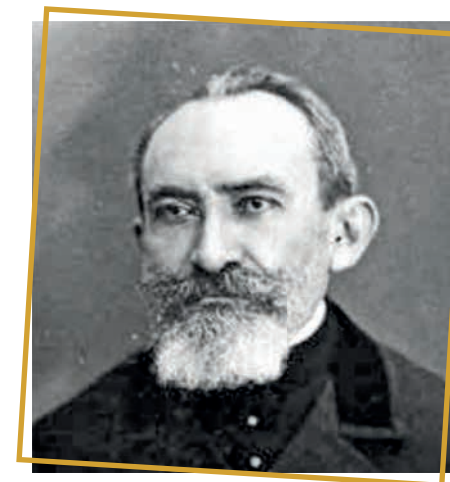
1905

1911

Aos 28 anos, em 1902, o irreverente e carismático Quintino Cunha viajou à Amazônia com objetivo diferente da imensa maioria de migrantes cearenses que viajavam em busca de trabalho e de possível riqueza nos seringais. Ele foi com a finalidade de exercitar a advocacia, como rábula, pois ainda não havia cursado curso superior na área do Direito, bacharelando-se apenas em 1909.

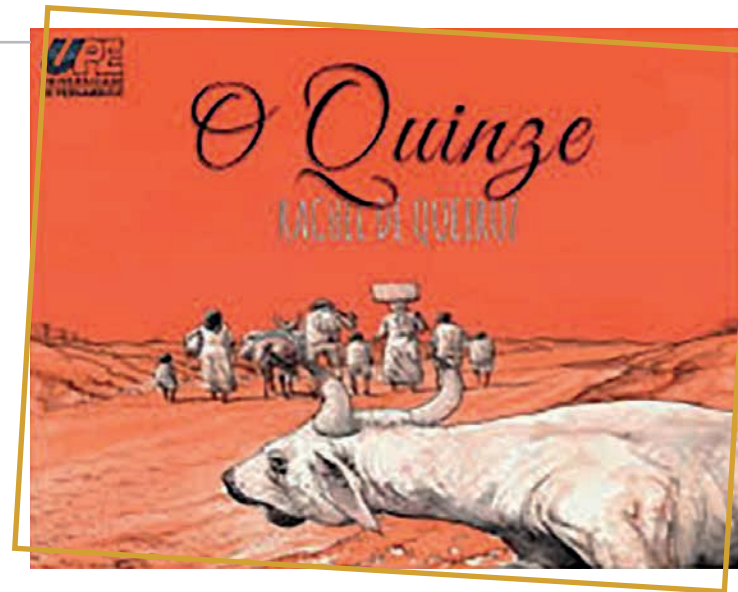


Natural de Aracati, o padre cearense Francisco Leite Barbosa teve intensa participação religiosa e comunitária no município de Lábrea como vigário local. Com o apoio de donativos e esmolas, construiu a Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, inaugurada em 1911.



1915

"O Quinze", clássico da literatura brasileira



A história do massapeense José Manassés Pontes se assemelha à trajetória migratória do personagem Chico Bento, immortalizado no clássico romance "O Quinze", de Rachel de Queiroz, sobre a seca de 1915, que assolou o Nordeste brasileiro. Naquele mesmo ano da calamidade, o jovem Manassés, fugindo do flagelo, partiu rumo à Amazônia, especificamente para as matas de seringueiras às margens dos rios, em busca de sobrevivência e emprego. Manassés estava determinado a ir buscar trabalho na pequena Lábrea, povoação ribeirinha do Rio Purus, a 856 de quilômetros de Manaus. Não foi por intuição,

pois aquela região, cortada por águas caudais, barrentas e de percurso tortuoso com curvas fechadas do Baixo Purus, já era conhecida por outras travessias migratórias, realizadas por dezenas de conterrâneos de Manassés, a partir da segunda metade do século XIX.

Três anos depois de trabalho nos seringais de Lábrea, Manassés voltou para o Ceará com a finalidade de casar-se com a noiva, Maria Sabino, que aqui deixara. O matrimônio aconteceu em 1919, na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Massapê. Meses depois, o casal viajou para Lábrea. E lá formaram família.

Paroara

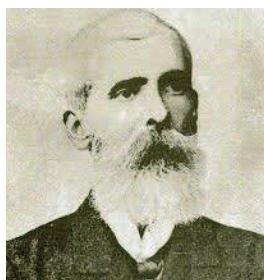
Seu Manassés, com certeza, foi um paroara. Vocábulo muito usado naquele tempo, especialmente para apelidar aqueles homens nordestinos que voltavam da selva amazônica às suas origens. A palavra também designa homem ou mulher natural do estado do Pará.

Porém, muito anos antes do Seu Manassés ir em busca de trabalho na Amazônia, em 1899, o sanitarista e escritor baiano Rodolfo Teófilo - radicado no Ceará desde criança - lançava o livro sob o título “O Paroara”. No romance, o escritor conta a história, ambientada nos finais do século XIX, do migrante João das Neves, agricultor pobre do interior do estado do Ceará. A obra também tem viés de denúncias sobre as arbitrariedades praticadas pelo Governo do Estado contra a população pobre, levando-a à travessia da migração rumo à região amazônica.

Em 1985, Chico Buarque e Fagner gravaram a música “Paroara” - canção de autoria dos dois e Fausto Nilo. A letra é engraçada, pois mistura o repentino poder aquisitivo do paroara, com pau-de-arara, sayonara, garimpo e entra na ficção até a musa do cinema mudo, Theda Bara. Dezessete anos depois, em 2002, com novo arranjo, a música foi incluída no disco “Casa tudo azul!”, de Fausto Nilo.



Manassés, mesmo longe, não esqueceu a amada, Maria Sabino, e veio buscá-la para se casar e constituir família (Foto álbum de família)



Rodolfo Teófilo
(Foto de Arquivo)



Livro de 1899
(Foto de Arquivo)



Chico Buarque
(Foto de Arquivo)



Fausto Nilo
(Foto de Arquivo)



Fagner
(Foto de Arquivo)

1920



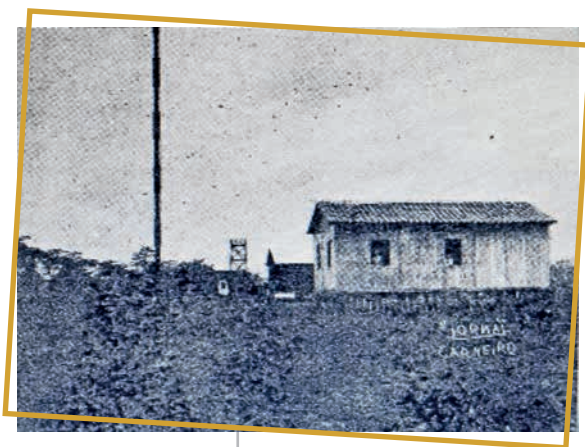
É provável que os pais do pequeno Osmundo tenham obedecido a tradição católica, celebrando o seu batismo na Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, em Lábrea. Inclusive, o templo religioso foi construído, em 1911, pelo vigário do pequeno povoado à época, o padre cearense Francisco Leite Barbosa, filho de tradicional família de Aracati

Francisco Osmundo Pontes, filho de José Manassés Pontes e de Maria Sabino Pontes, nasceu no dia 4 de novembro de 1920, em Lábrea, município às margens do Rio Purus, no estado do Amazonas. É quase certeza, pelo menos visto pelo ângulo da crença religiosa, que tenha sido batizado na Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, em Lábrea. A tradição católica determina que fiéis devem cumprir o mais rápido possível o sacramento da iniciação cristã em recém-nascido. Existe

o temor da criança venha a falecer como pagã, antes do batismo. Segundo a Bíblia, o pagão não acredita em Deus, mas em “falsos deuses”, que levam para os caminhos do pecado. O pequeno Osmundo veio para Ceará cinco anos depois do nascimento, juntamente com os pais e os irmãos Osvaldo e Osmarina. Em território cearense, a família Pontes seguiu para o município de Massapê, indo morar, posteriormente, em Fortaleza, no ano de 1925.

Lábrea antigamente

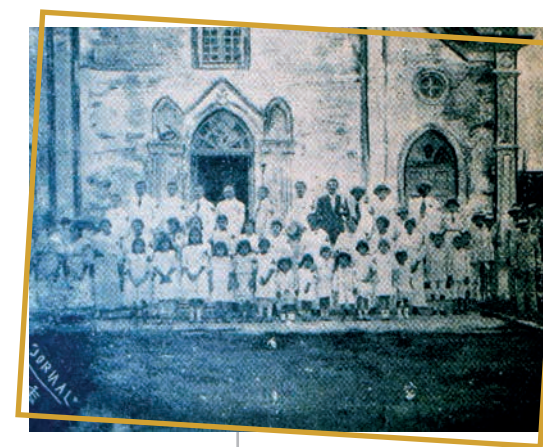
Fotos do município publicadas em 1918, no livro "O Município de Lábrea – notícias sobre a sua origem e desenvolvimento e sobre o Rio Purus", de Antônio C.R. Bittencourt



Coreto Municipal



Estação Radiotelegráfica



Integrantes da Cruz Vermelha em Lábrea

Lábrea na atualidade



A população do município é de 46.069 habitantes, de acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019 (Foto de Arquivo)



Lábrea fica a 856 quilômetros de Manaus

Transamazônica termina em Lábrea

O quilômetro 4.260 finaliza, em Lábrea, uma das mais extensas e polêmicas estradas brasileiras: a Rodovia Transamazônica (BR 230). Construída no governo militar do presidente Emílio Garrastazu Médici, no período de 1969 e 1974, devido à sua proporção megalômana, ficou conhecida como sendo uma “obra faraônica”. A rodovia começa em Cabedelo, na Paraíba, e segue percorrendo os estados do Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas, cortando o Brasil no sentido leste-oeste.



O catarinense, Hélio Fenrich, em 2019, foi o primeiro brasileiro a fazer o percurso original da Transamazônica, em cima de uma bicicleta, de forma solitária (Foto de Arquivo)



A Transamazônica (BR 230) começa no Nordeste e tem o último quilômetro, no município onde Osmundo Pontes nasceu (Foto de Arquivo)

Volta ao Mundo

Alemanha

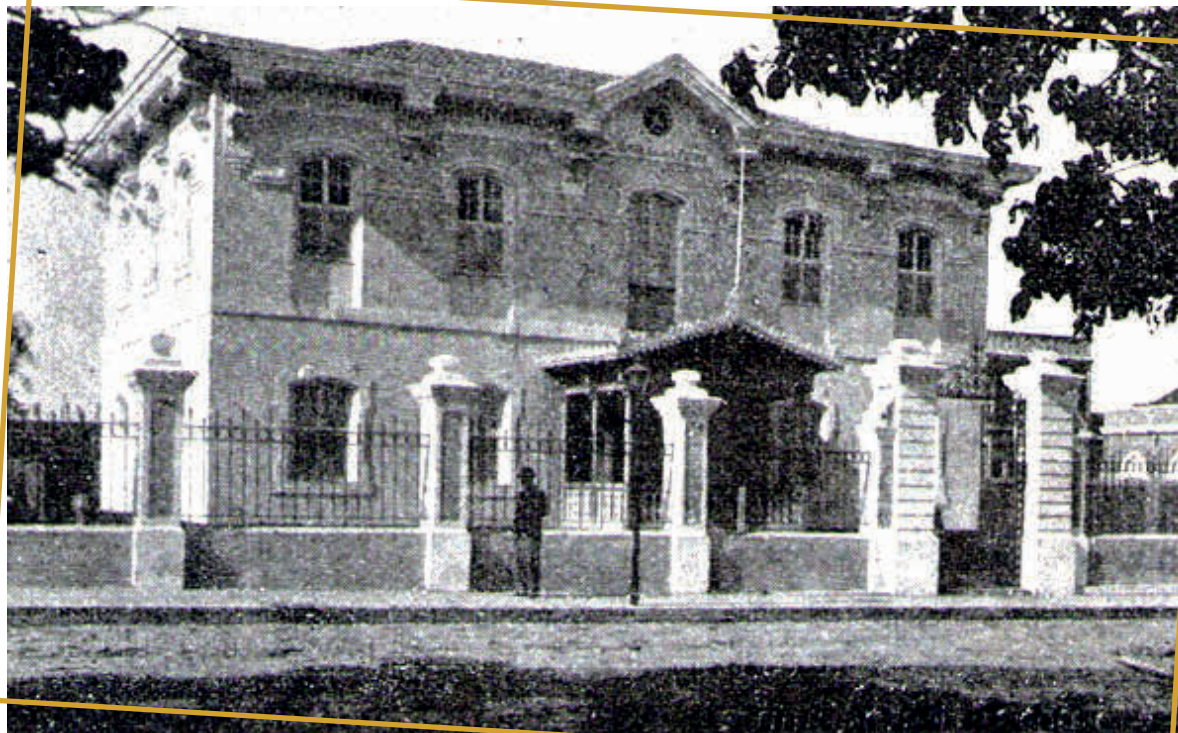
“Raramente se vê numa mesma cidade, lado a lado, passado e presente, construções medievais e instalações para alta técnica e indústrias modernas. Os prédios antigos destruídos pela guerra foram em grande parte reconstruídos ou restaurados. A história da cidade de Nuremberg também está patente nos objetos de arte, quadros, livros e coleções científicas do Museu Germânico”.

(Página 102 – livro “Portugal e Outras Pátrias”).



Osmundo e Cybele, em
Berlim - Alemanha
(Foto álbum de família)

1930



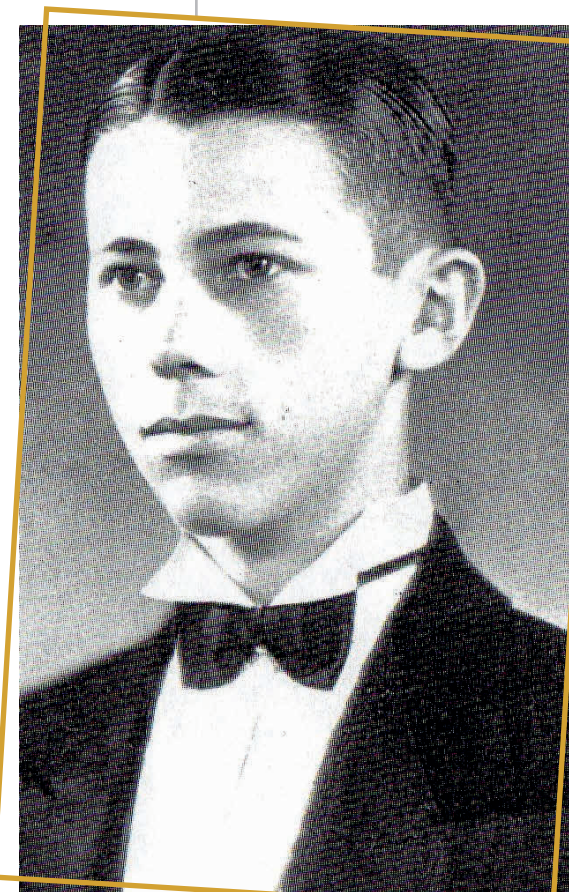
○ Grupo Escolar José de Alencar foi onde Osmundo começou a estudar como aluno do curso primário. A escola funcionava no prédio localizado na Rua Liberato Barroso, nº 525, esquina com a Rua 24 de Maio. Atualmente o prédio é ocupado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Na sequência de estudos, Osmundo frequentou o Liceu do Ceará e, posteriormente, o Colégio Castelo.

1939



Colação de grau do curso ginasial e pré-universitário no Colégio Castelo. (Na foto, Osmundo Pontes está na primeira fila ao centro)
(Foto álbum de família)

Seis anos depois, em 1945, ele foi diplomado bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais
(Foto álbum de família)



1939

A capa da Revista Contemporânea era ilustrada com fotos de jovens da sociedade fortalezense (Foto de arquivo)

Surgiu na imprensa cearense a Revista Contemporânea, fundada por Osmundo Pontes e Waldery Uchôa, editada e dirigida por Osmundo, durante 30 anos. A publicação abordava assuntos diversos, entre artigos históricos, entrevistas, momentos culturais, reportagens e colunismo social.

Em 1942, o ainda principiante jornalista firmou convênio com o Estúdio Fotográfico Alba Film, em Fortaleza, para a feitura da foto, e era sempre a imagem de uma jovem, para ilustrar a capa.



Na sua biografia jornalística, bastante intensa por sinal, consta que Osmundo Pontes criou também, em 1944, o jornal Diário da Tarde, porém de curta duração. Durante anos, foi colaborador de vários periódicos, como o Correio do Ceará, O Povo, ambos do Ceará, e do jornal O Dia, de Teresina/PI. Ainda estudante, dirigiu o boletim de propaganda do Centro Estudantil Cearense, e também foi diretor das Revistas Terra da Luz e Mocidade. Diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda do Governo do Estado, em 1945.



Osmundo Pontes e Antônio Albuquerque, proprietário da Alba-Film, folheando exemplar da Revista Contemporânea. Foto de 1942 (Foto álbum de família)



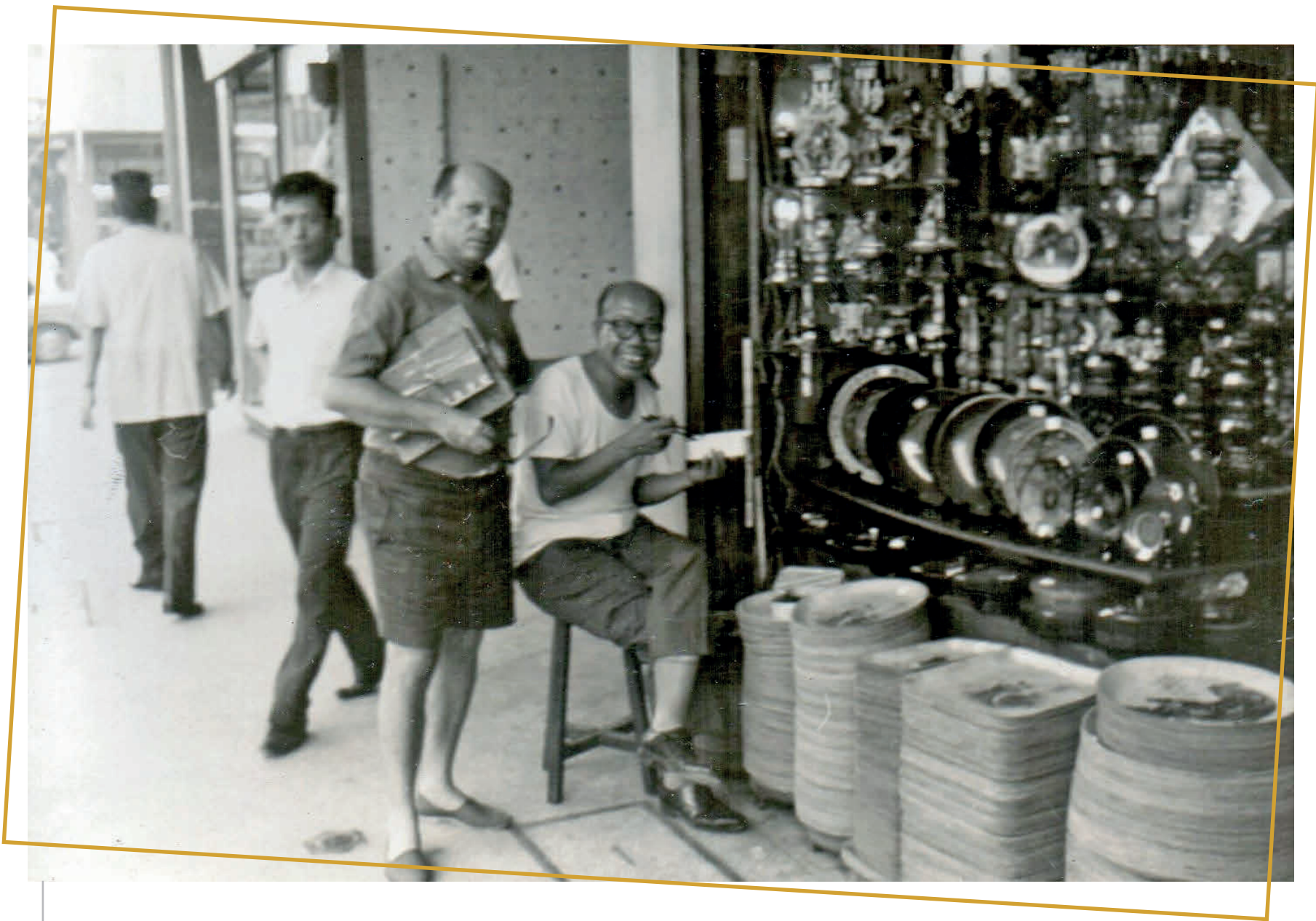
A edição especial da revista de Natal, do ano de 1944, foi ilustrada com um desenho de autoria do artista plástico cearense, Rubens de Azevêdo

Volta ao Mundo

China

“O Parque Yuyuan, em Shangai, na China, foi construído em 1557, por um alto funcionário do governo, para o seu deleite. É jardim cheio de colinas artificiais, pavilhões e quiosques de distintos estilos, ponto de visita não só para os nativos, e sobretudo, para os estrangeiros”.

(Página 82 - livro “China: homem e paisagem”).



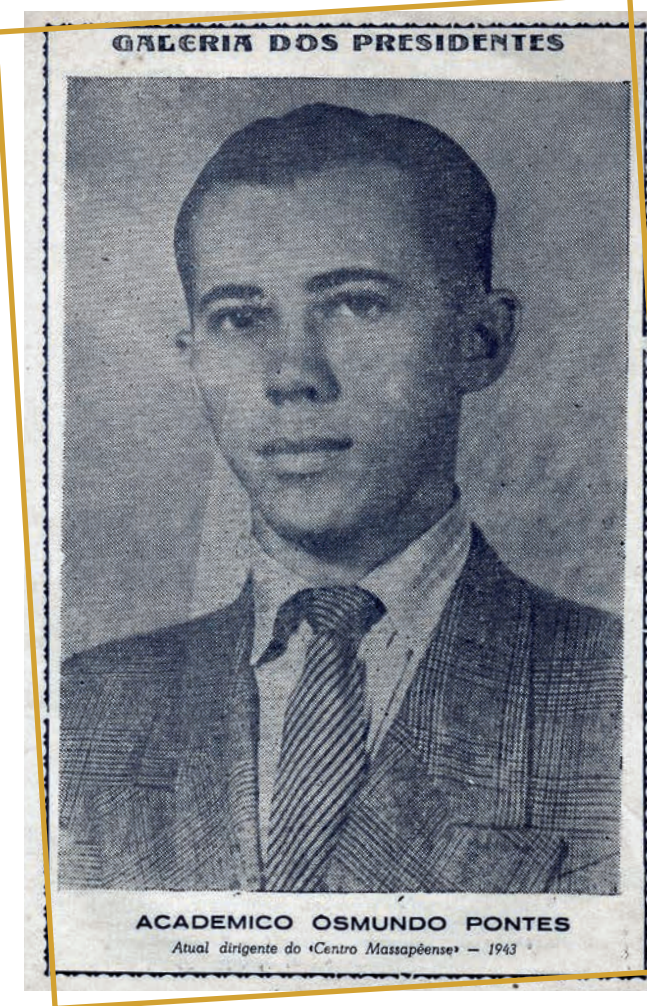
Osmundo visitando loja de utensílios, em Formosa
(Foto álbum de família)

1942

O acadêmico de Direito,
Osmundo Pontes, aos 22 anos,
presidia o Centro Massapeense
(Foto álbum de família)

Aos 22 anos, ainda acadêmico de Direito, Osmundo Pontes tomou posse no dia 1º de dezembro de 1942 na presidência do Centro Massapeense, para o biênio 1942-43. A solenidade aconteceu no salão nobre do Palace Hotel - atualmente sede da Associação Comercial do Ceará - na Rua Dr. João Moreira, 207, em Fortaleza. Na ocasião, o presidente empossado ressaltou os propósitos que animavam os novos dirigentes da instituição, no intuito de bem servir aos conterrâneos de Massapê.

Ao fim do mandato, em 1943, Osmundo Pontes apresentou relatório financeiro e realizações de sua gestão. No citado documento, constava liberação de verbas pelo Governo Estadual para a conclusão da estrada Massapê-Sobral, uma antiga aspiração dos massapeenses à época; entrega de gêneros alimentícios aos flagelados da seca que acorriam ao município de Massapê em busca de socorro; manutenção da Escola Aprígio Coelho, em Massapê; assistência médico-odontológica; reconhecimento por parte do Governo Estadual do Centro Massapeense como instituição de utilidade pública, entre outras realizações.



HISTÓRICO

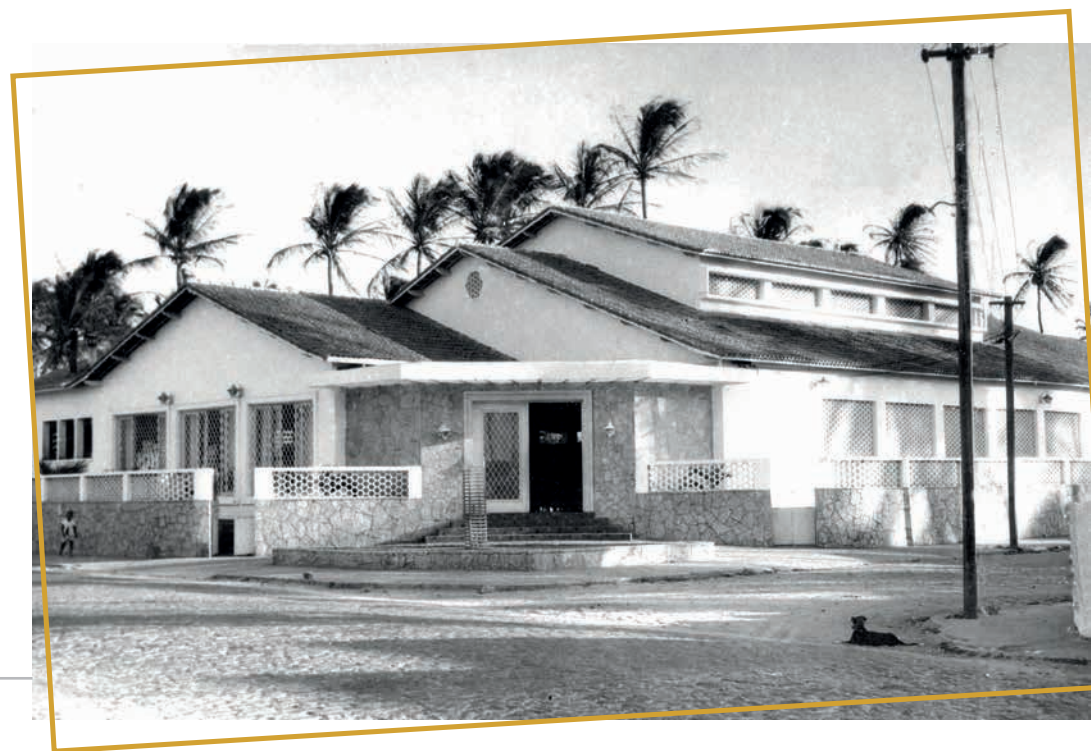
Em 1922, os filhos de Massapê residentes em Fortaleza, visando ao progresso da terra natal, bem como auxiliar diretamente seus conterrâneos necessitados, fundaram na capital cearense a “Liga Massapeense”, funcionando à Rua Barão do Rio Branco, 832. Após dez anos, o local de encontro da colônia dos massapeenses mudou de nome, passando a denominar-se “Centro Massapeense”, tendo sido o coronel João Arruda seu primeiro presidente.

No dia 30 de novembro de 1954, Osmundo Pontes foi o orador oficial da solenidade de inauguração da sede própria do Centro Massapeense. A solenidade fez parte das festividades pela passagem dos 32 anos da colônia dos massapeenses em Fortaleza. A edificação ficava localizada na antiga Avenida Aquidaban, 860 - hoje Avenida Historiador Raimundo Girão, na esquina com Rua Barão de Aracati, na Praia de Iracema. O ato solene foi presidido pelo então presidente da instituição, Francisco de Melo Arruda. As obras do prédio ficaram a cargo da firma Sílvio Jaguaribe Ekman. Cinquenta anos depois, o prédio foi derrubado.



Capa do relatório da gestão do ano de 1943 do Centro Massapeense, presidido por Osmundo Pontes

Centro Massapeense não resistiu à fase de decadência dos clubes sociais, em Fortaleza, foi derrubado em 2004 (Fotos de Arquivo Nirez)





1943

Osmundo esteve, no Rio de Janeiro, em agosto, para entrevistar o jurisconsulto Clóvis Beviláqua, cearense de Viçosa do Ceará, autor do projeto do primeiro Código Civil Brasileiro, de 1900, e membro da Academia Brasileira de Letras. E Clóvis enviou por ele a seguinte saudação à mocidade cearense: “Osmundo Pontes, você parte para a querida terra cearense. Leve aos estudantes, seus colegas, e que os considero meus amigos pelo coração, ainda que não os veja com os olhos materiais, a minha saudação. Diga-lhes que pensem sempre na humanidade e na pátria, assim como na família, quando se detiverem no estudo do Direito, que é a condição principal da vida em comum do homem civilizado. Eu, de longe, acompanharei o voo da inteligência que empreenderem”.

Um ano antes de falecer, em 1944, Clóvis Beviláqua concedeu entrevista a Osmundo Pontes para a Revista Contemporânea (Foto álbum de família)



Volta ao Mundo

Portugal

“Caudal da esperança e do desespero, no contraste dos benefícios com a tragédia resultante das grandes enchentes perturbadoras da vida ribatejana, o Tejo jamais deixou de ser um polo dinamizador das populações atraídas, também, pelo desenvolvimento industrial, oferecendo emprego mais compensador, que tem sorriso aos que laboram nas numerosas fábricas do concelho”.

(Página 25 – livro “Portugal do Meus Amores”).

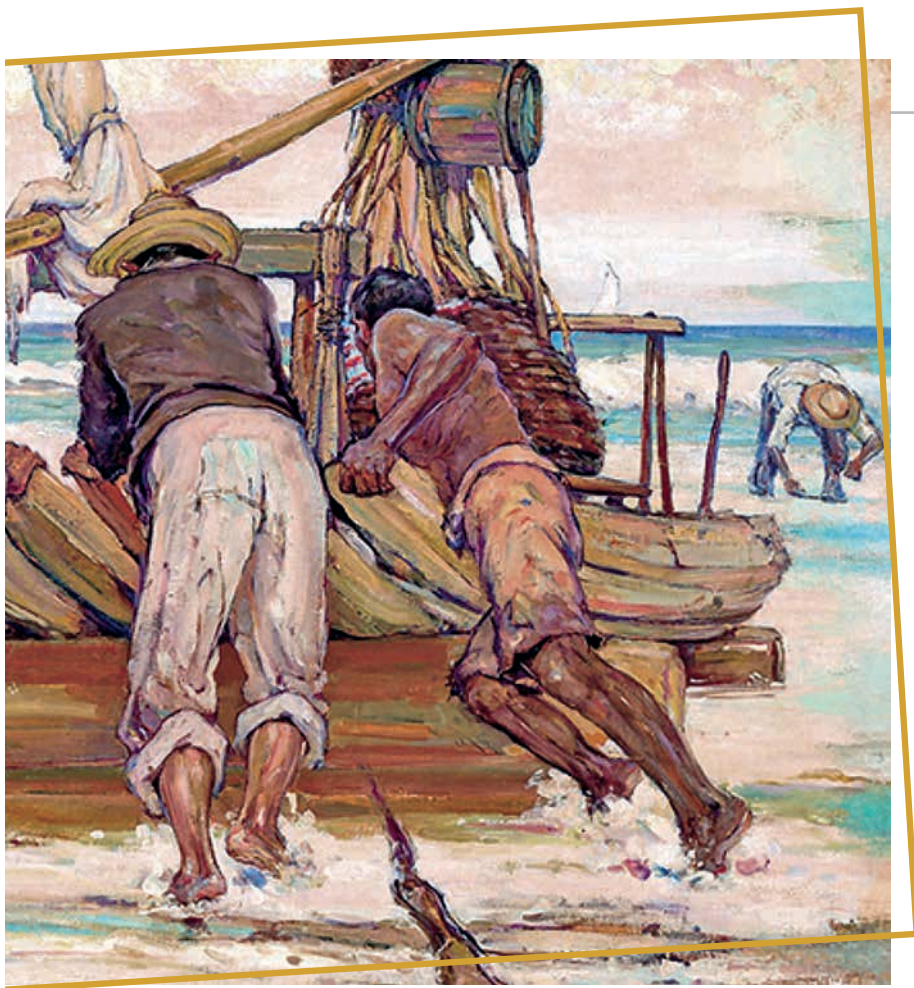


O casal terminou em Lisboa a maratona de viagens internacionais, realizada em 1969
(Foto álbum de família)

1944

Está incompleta a biografia conhecida de Raimundo Cella (1890-1954), um dos maiores artistas plásticos brasileiros, cearense nascido em Sobral. Falta realçar uma informação importante referente à primeira exposição individual dos seus trabalhos com temática regional. Não aconteceu em Norwich Castle and Museum, no Reino Unido, em dezembro de 1944, ou no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em 1945, como é amplamente divulgado em alguns livros e em catálogos das exposições do mestre. Na realidade, a mostra individual foi realizada em agosto de 1944, em Fortaleza, na Casa de Juvenal Galeno. O significativo episódio é desconhecido até hoje pelos historiadores e pesquisadores sobre as artes plásticas cearenses.

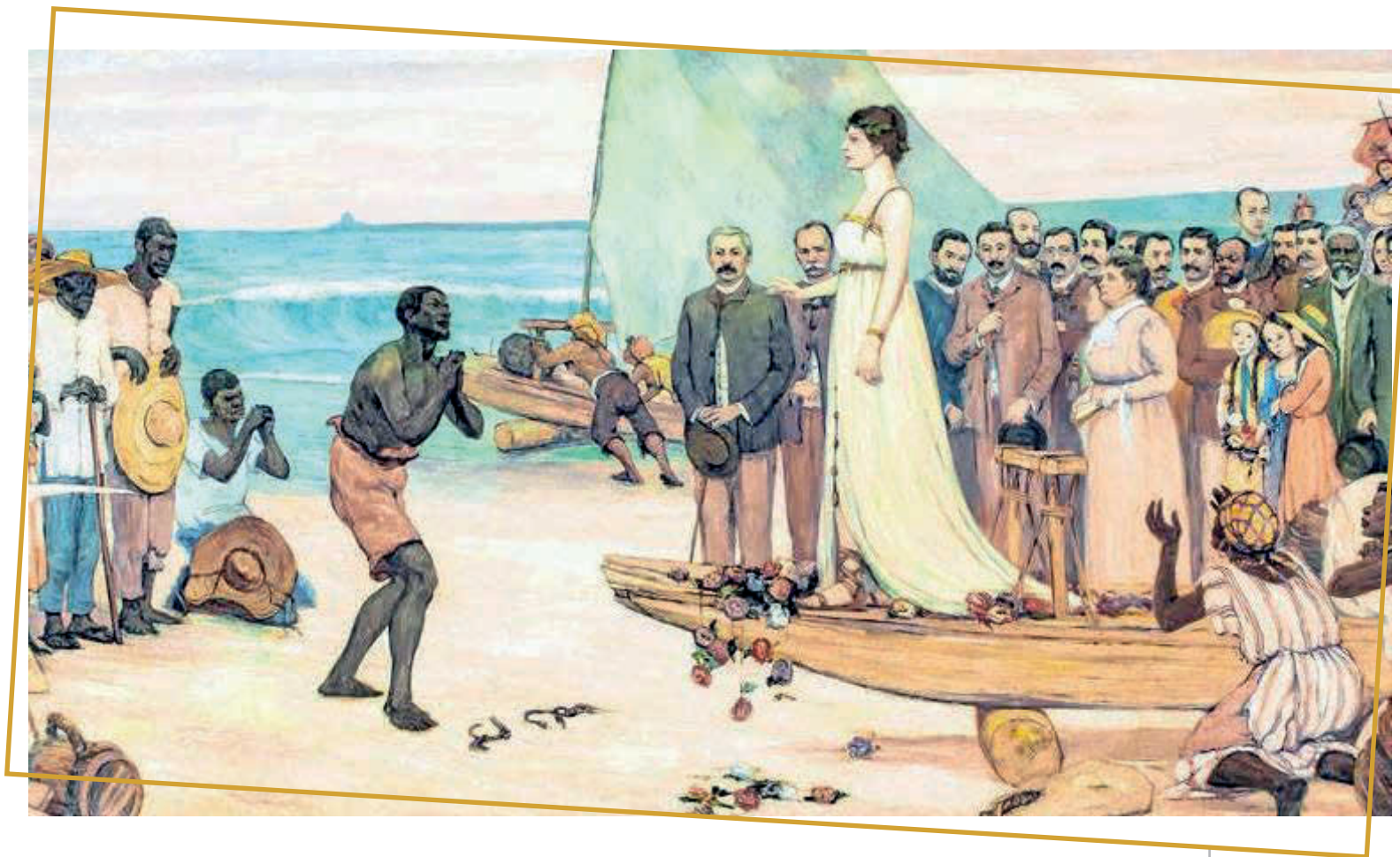




Raimundo Cella apresentou na sua primeira exposição individual, produção de telas regionalistas, pintadas nas praias de Camocim (Reprodução)

Abertura oficial da exposição de Raimundo Cella, na Casa de Juvenal Galeno. O artista está no centro e, ao seu lado direito, o interventor do estado do Ceará, Menezes Pimentel. Osmundo é o segundo da direita para esquerda, usando paletó preto (Foto álbum de família)





Em 1938, Raimundo Cella pintou um imenso painel, sob o título "Abolição dos Escravos", inclusive retratando abolicionistas cearenses ,como o Dragão do Mar (Reprodução)



Como agradecimento ao apoio de Osmundo para a realização da sua mostra individual, Raimundo Cella pintou o retrato do ainda estudante de Direito (Reprodução)

Osmundo Pontes, à época acadêmico de Direito, foi personagem importante nesse acontecimento histórico nas artes plásticas brasileiras, em especial para o Ceará. Atuando como jornalista, o jovem editava, em Fortaleza, a revista de variedades denominada de Contemporânea. Além do noticiário sobre variados assuntos, a publicação também promovia e divulgava eventos artísticos e culturais.

A informação sobre a “primeira exposição de pintura de R. Cella no Ceará” está documentada na edição natalina da Revista Contemporânea, do mesmo ano da vernissage, 1944. O texto escrito por Osmundo Pontes cita eventos patrocinados pela publicação durante aquele ano. Entre as atividades desenvolvidas, consta a exposição de quadros de Raimundo Cella, na Casa de Juvenal Galeno. Era a primeira mostra individual dos quadros de Cella, pois, anteriormente, o artista nascido em Sobral havia participado somente de mostras coletivas e de salões de arte, inclusive ganhando prêmios. Detalhe: como presente por ter organizado a mostra de quadros do já famoso artista plástico, Osmundo Pontes ganhou um retrato pintado por ele.

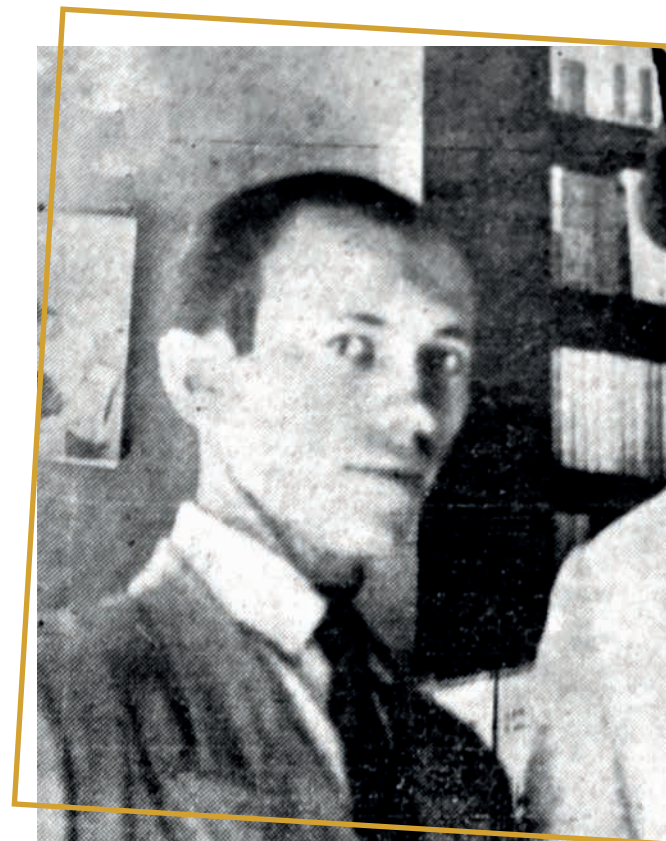
Formado pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, Cella passou vários anos na França, aprimorando seus conhecimentos. Anos depois veio embora para o Brasil, indo morar em Camocim, devido a problemas de saúde. Lá, ele retratou, em telas pintadas a óleo, jangadeiros, rendeiras e outros personagens com os quais o artista convivia. A série de quadros, focalizando a temática, é considerada um marco na pintura regionalista brasileira. Em 1938, pintou um painel sobre a abolição dos escravos, inclusive retratando abolicionistas cearenses, como o Dragão do Mar, para ornamentar o antigo Palácio da Luz, sede do Governo do Estado do Ceará naquele tempo. Atualmente, o Palácio da Luz é ocupado pela Academia Cearense de Letras. A permanência de Cella na capital cearense durou até 1944, viajando logo após a exposição para Niterói, no Rio de Janeiro, onde morou até falecer, em 1954.

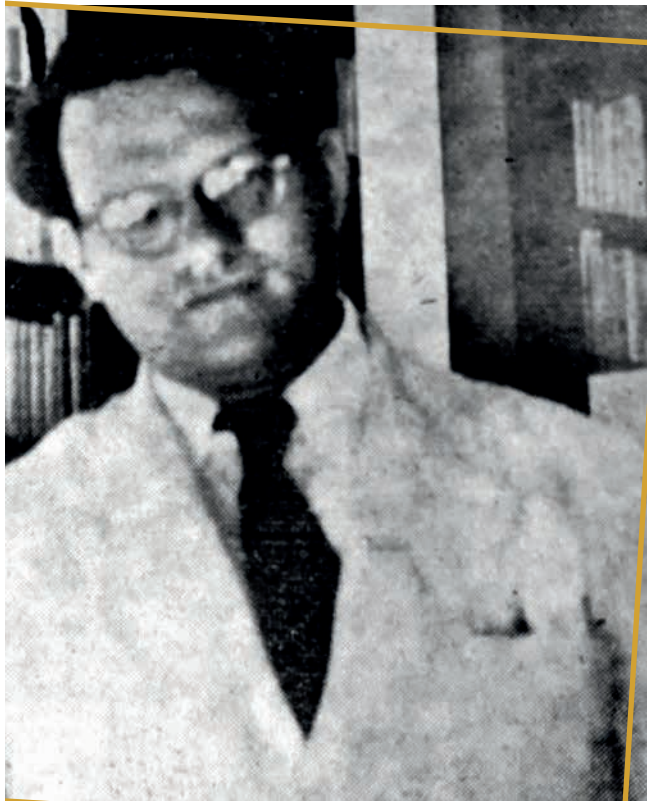
1945

José Lins do Rêgo

No ano em que terminou a Segunda Guerra Mundial, em 1945, Osmundo Pontes estava no Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal, e entrevistou, para a Revista Contemporânea, o escritor paraibano José Lins dos Rêgo (1901-1957). O encontro aconteceu na Livraria José Olímpio, ponto da intelectualidade da época, e o autor do romance “Menino de engenho”, obra-prima da Literatura brasileira, não falou sobre sua vasta obra. E sim do assunto do momento, no mundo: o término da tragédia mundial.

O consagrado escritor enviou mensagem para a juventude cearense, publicada na Revista Contemporânea, edição de abril de 1945. Eis a saudação:





Osmundo Pontes e José Lins do Rêgo na porta da famosa Livraria José Olímpio, no Rio de Janeiro (Foto álbum de família)

“Aos jovens do Ceará

Dirijo-me aos escritores moços do Ceará, através da Revista Contemporânea, para lhes dizer que chegou a hora das decisões definitivas. Não há mais instante para repouso. Com o fascismo estrangulado na Europa, como lobo nos gelos deste grande inferno de 1945, a humanidade vai caminhar para as suas liberdades. As tiranias, que se encobrem em fórmulas políticas de disfarces, terão de cair por terra.

Machiavel está com as suas horas contadas.

E os povos precisarão, como nunca, dos homens de letras, que são os técnicos das almas. Os homens jovens do Ceará, terra de gente livre, que pode até com o sol, serão convocados para a batalha essencial.

Contra o fascismo, que ainda não morreu, contra as tiranias, que ainda subsistem, as energias indomáveis da mocidade.

E que não fique pedra sobre pedra da última Bastilha deste um mundo”

José Lins do Rêgo

1946

No dia 8 de agosto, Osmundo Pontes prestigiou a estreia da peça “A mulher sem pecado”, de Nelson Rodrigues, encenada pelo Grupo Centro de Cultura Teatral, sob a direção de Fernando Silveira, no palco do Theatro José de Alencar. Ao final da encenação, elenco e convidados posaram para fotografia. Ele está logo atrás do ator sentado numa cadeira de rodas.



Como atividade jornalística, Osmundo comparecia e divulgava, na Revista Contemporânea, a programação artístico-cultural de Fortaleza (Foto de Arquivo Nirez)

Neste prédio da Fênix Caixeiral, na praça José de Alencar, na esquina entre as ruas Guilherme Rocha e General Sampaio, funcionava a 1ª Junta de Conciliação e Julgamento (Foto de Arquivo)



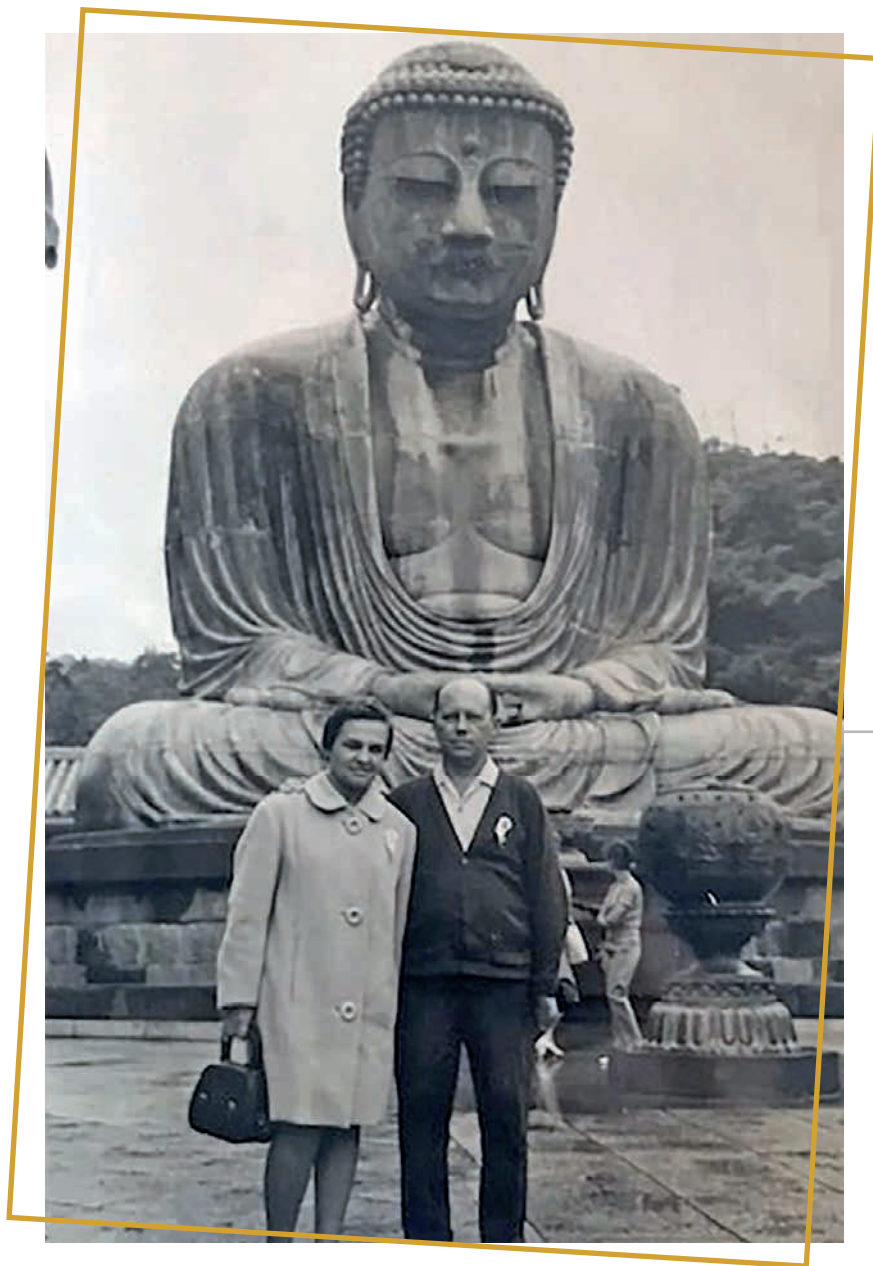
Osório Pontes assumiu a Presidência da 1ª Junta de Conciliação e Julgamento de Fortaleza, como juiz, permanecendo como seu titular até 1969, quando foi promovido, por merecimento, ao cargo de juiz togado do Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região, ocupando vaga recém-criada pela Lei nº 5.442/68, tomando posse em 11/03/1969.

Volta ao Mundo

Japão

“A história do Japão é bastante antiga, cheia de lutas e dificuldade, o que enrijou a têmpera de seus filhos e os capacitou a erguerem –se de modo definitivo e a conquistarem o lugar, que, por direito, lhes cabe no mundo moderno”.

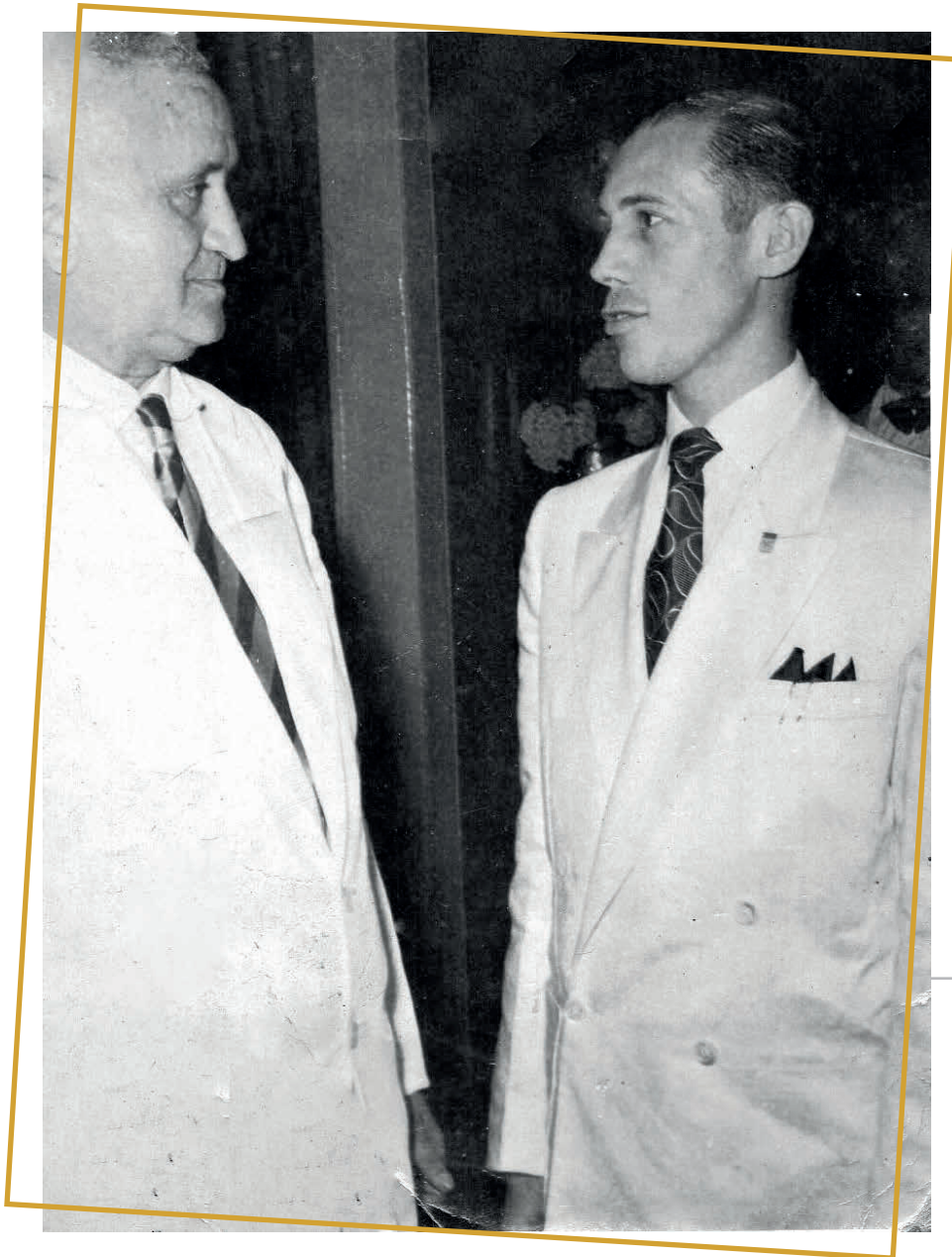
(Livro “Portugal e outras Pátrias” – página 202)



Osmundo e Cybele defronte
à escultura gigante de Buda
(Foto álbum de família)

1947

A construção da Casa do Estudante, em Fortaleza, iniciada em 1934, mobilizou a sociedade cearense, durante décadas, em busca de recursos financeiros. A Revista Contemporânea também esteve engajada nas campanhas beneficentes. Inclusive, o jornalista Osmundo Pontes foi ao Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal, solicitar apoio ao presidente da República, Eurico Gaspar Dutra.



O jornalista solicitou
ao Presidente Dutra
colaboração do
governo federal
(Foto álbum de família)

1950



Osmundo passeando com a futura esposa, Cybele, em Campinas/São Paulo (Foto álbum de família)

1951

1951



1960

Casamento de Osmundo Pontes e Cybele Valente Pontes. Tempos depois, a família reunida: Osmundo (de pé), ao lado da esposa, Cybele, tendo ao colo, Osmundinho, com os outros dois filhos, Anisia Maria e José Carlos. Foto de 1960 (Foto álbum de família)



Osmundo entre os dirigentes Walder Ari e Pompeu Gurgel, Osmundo discursando, por ocasião de sua posse no Rotary Club de Fortaleza (Foto álbum de família)

1952

Visita do ministro do Tribunal Superior do Trabalho (TST), Delfim Moreira, à única Junta de Conciliação e Julgamento de Fortaleza. Aparecem na foto, da esquerda para à direita, Autran Nunes—presidente do TRT/CE, o ministro Delfim Moreira e Osmundo Pontes, juiz titular da J.C.J. (Foto álbum de família)



1953



Fernando Eduardo Benevides discursa por ocasião da posse de Osmundo Pontes, na diretoria do Clube dos Diários (Foto álbum de família)

1951

Fac-simile da entrevista concedida por Érico Veríssimo ao jornal O Povo

Érico Veríssimo

“Não sou um homem de partido, mas estou longe de ser um indiferente em face dos problemas políticos e sociais”. A frase foi dita pelo escritor gaúcho Érico Veríssimo em entrevista ao jornal O Povo, quando esteve em Fortaleza, no mês de novembro de 1951. Ainda na mesma entrevista o autor de “Caminhos Cruzados” afirmou que “o escritor não deve vender ou alugar a pena a nenhum interesse partidário”. Na visita, Érico Veríssimo pronunciou duas palestras, no Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU).

CLAMOROSA INJUSTIÇA CONTRA 2 CAMPONESES RESIDENTES NO MUNICÍPIO DE ICÓ LITERATURA, POLÍTICA, PROBLEMAS SOCIAIS E O NORDESTE NA PALAVRA DE ERICO VERISSIMO

O escritor não deve vender ou alugar a pena a nenhum interesse partidário

“NÃO SOU HOMEM DE PARTIDO, MAS ESTOU LONGE DE SER UM INDIFFERENTE EM FACE DOS PROBLEMAS POLÍTICOS E SOCIAIS”; DIZ O AUTOR DE “CAMINHOS CRUZADOS” — BOA IMPRESSÃO DE FORTALEZA — NÃO PRETENDE ESCREVER UM LIVRO SOBRE O NORDESTE — ENTUSIASTA DO GRUPO “CLA” — A REAÇÃO DO ACADEMISMO



Camponeses de ICÓ clamam por justiça

Érico Veríssimo em Fortaleza, desde ontem à noite, e por volta de meia-noite, quando se dirigiu ao Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU) para uma palestra. O escritor gaúcho, acompanhado de sua esposa, chegou à cidade por volta das 22 horas e se hospedou no Hotel Atlântico. Veríssimo, que está em Fortaleza por ocasião de uma viagem de trabalho, foi recebido por uma comitiva de autoridades locais, incluindo o governador Arnaldo de Azevedo e o prefeito de Fortaleza, José de Alencar. O escritor, conhecido por suas obras de ficção e ensaios, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea.

Veríssimo, que está em Fortaleza por ocasião de uma viagem de trabalho, foi recebido por uma comitiva de autoridades locais, incluindo o governador Arnaldo de Azevedo e o prefeito de Fortaleza, José de Alencar. O escritor, conhecido por suas obras de ficção e ensaios, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea.

Veríssimo, que está em Fortaleza por ocasião de uma viagem de trabalho, foi recebido por uma comitiva de autoridades locais, incluindo o governador Arnaldo de Azevedo e o prefeito de Fortaleza, José de Alencar. O escritor, conhecido por suas obras de ficção e ensaios, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea.

Veríssimo, que está em Fortaleza por ocasião de uma viagem de trabalho, foi recebido por uma comitiva de autoridades locais, incluindo o governador Arnaldo de Azevedo e o prefeito de Fortaleza, José de Alencar. O escritor, conhecido por suas obras de ficção e ensaios, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea.

Veríssimo, que está em Fortaleza por ocasião de uma viagem de trabalho, foi recebido por uma comitiva de autoridades locais, incluindo o governador Arnaldo de Azevedo e o prefeito de Fortaleza, José de Alencar. O escritor, conhecido por suas obras de ficção e ensaios, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea.

Veríssimo, que está em Fortaleza por ocasião de uma viagem de trabalho, foi recebido por uma comitiva de autoridades locais, incluindo o governador Arnaldo de Azevedo e o prefeito de Fortaleza, José de Alencar. O escritor, conhecido por suas obras de ficção e ensaios, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea.

Veríssimo, que está em Fortaleza por ocasião de uma viagem de trabalho, foi recebido por uma comitiva de autoridades locais, incluindo o governador Arnaldo de Azevedo e o prefeito de Fortaleza, José de Alencar. O escritor, conhecido por suas obras de ficção e ensaios, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea.

Veríssimo, que está em Fortaleza por ocasião de uma viagem de trabalho, foi recebido por uma comitiva de autoridades locais, incluindo o governador Arnaldo de Azevedo e o prefeito de Fortaleza, José de Alencar. O escritor, conhecido por suas obras de ficção e ensaios, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea.

Veríssimo, que está em Fortaleza por ocasião de uma viagem de trabalho, foi recebido por uma comitiva de autoridades locais, incluindo o governador Arnaldo de Azevedo e o prefeito de Fortaleza, José de Alencar. O escritor, conhecido por suas obras de ficção e ensaios, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea.

ERICO VERISSIMO EM FORTALEZA — Espetacular recepção. O escritor gaúcho, acompanhado de sua esposa, chegou à cidade por volta das 22 horas e se hospedou no Hotel Atlântico. Veríssimo, que está em Fortaleza por ocasião de uma viagem de trabalho, foi recebido por uma comitiva de autoridades locais, incluindo o governador Arnaldo de Azevedo e o prefeito de Fortaleza, José de Alencar. O escritor, conhecido por suas obras de ficção e ensaios, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea.

ERICO VERISSIMO EM FORTALEZA — Espetacular recepção. O escritor gaúcho, acompanhado de sua esposa, chegou à cidade por volta das 22 horas e se hospedou no Hotel Atlântico. Veríssimo, que está em Fortaleza por ocasião de uma viagem de trabalho, foi recebido por uma comitiva de autoridades locais, incluindo o governador Arnaldo de Azevedo e o prefeito de Fortaleza, José de Alencar. O escritor, conhecido por suas obras de ficção e ensaios, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea.

ERICO VERISSIMO EM FORTALEZA — Espetacular recepção. O escritor gaúcho, acompanhado de sua esposa, chegou à cidade por volta das 22 horas e se hospedou no Hotel Atlântico. Veríssimo, que está em Fortaleza por ocasião de uma viagem de trabalho, foi recebido por uma comitiva de autoridades locais, incluindo o governador Arnaldo de Azevedo e o prefeito de Fortaleza, José de Alencar. O escritor, conhecido por suas obras de ficção e ensaios, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea.

ERICO VERISSIMO EM FORTALEZA — Espetacular recepção. O escritor gaúcho, acompanhado de sua esposa, chegou à cidade por volta das 22 horas e se hospedou no Hotel Atlântico. Veríssimo, que está em Fortaleza por ocasião de uma viagem de trabalho, foi recebido por uma comitiva de autoridades locais, incluindo o governador Arnaldo de Azevedo e o prefeito de Fortaleza, José de Alencar. O escritor, conhecido por suas obras de ficção e ensaios, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea.

ERICO VERISSIMO EM FORTALEZA — Espetacular recepção. O escritor gaúcho, acompanhado de sua esposa, chegou à cidade por volta das 22 horas e se hospedou no Hotel Atlântico. Veríssimo, que está em Fortaleza por ocasião de uma viagem de trabalho, foi recebido por uma comitiva de autoridades locais, incluindo o governador Arnaldo de Azevedo e o prefeito de Fortaleza, José de Alencar. O escritor, conhecido por suas obras de ficção e ensaios, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea.

ERICO VERISSIMO EM FORTALEZA — Espetacular recepção. O escritor gaúcho, acompanhado de sua esposa, chegou à cidade por volta das 22 horas e se hospedou no Hotel Atlântico. Veríssimo, que está em Fortaleza por ocasião de uma viagem de trabalho, foi recebido por uma comitiva de autoridades locais, incluindo o governador Arnaldo de Azevedo e o prefeito de Fortaleza, José de Alencar. O escritor, conhecido por suas obras de ficção e ensaios, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea.

ERICO VERISSIMO EM FORTALEZA — Espetacular recepção. O escritor gaúcho, acompanhado de sua esposa, chegou à cidade por volta das 22 horas e se hospedou no Hotel Atlântico. Veríssimo, que está em Fortaleza por ocasião de uma viagem de trabalho, foi recebido por uma comitiva de autoridades locais, incluindo o governador Arnaldo de Azevedo e o prefeito de Fortaleza, José de Alencar. O escritor, conhecido por suas obras de ficção e ensaios, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea.

Camponeses de ICÓ clamam por justiça

Camponeses de ICÓ clamam por justiça

Camponeses de ICÓ clamam por justiça

Camponeses de ICÓ clamam por justiça

Camponeses de ICÓ clamam por justiça

Camponeses de ICÓ clamam por justiça

Camponeses de ICÓ clamam por justiça

Tudo Azul!



LABIOS-ROSCAIS-ASMIRAS

Viagem para Teresina e o Gal. Edgardino

PROFESSOR PEIRUQUE

CURSO DE ADMISSÃO GRATUITO GINÁSIO AGAPITO DOS SANTOS

AVISO

DE CRUZEIRO EM CRUZEIRO, QUE SE JUNTA DINHEIRO!

CAIXA ECONOMICA FEDERAL

Dr. Oliveira Pontes

Dr. Ricardo de Góes Soares

CAIXA ECONOMICA FEDERAL

CAIXA ECONOMICA FEDERAL

CAIXA ECONOMICA FEDERAL

CAIXA ECONOMICA FEDERAL

BANCO DE CREDITO COMERCIAL S. A.

BANCO DE CREDITO COMERCIAL S. A.

BANCO DE CREDITO COMERCIAL S. A.

BANCO DE CREDITO COMERCIAL S. A.

BANCO DE CREDITO COMERCIAL S. A.

BANCO DE CREDITO COMERCIAL S. A.

Érico Veríssimo conversando com um grupo de intelectuais cearenses: na foto, da esquerda para a direita, João Clímaco Bezerra, Hermenegildo de Sá Cavalcante, Érico Veríssimo, Osmundo Pontes, Filgueiras Lima e Newton Gonçalves (Foto álbum de família)

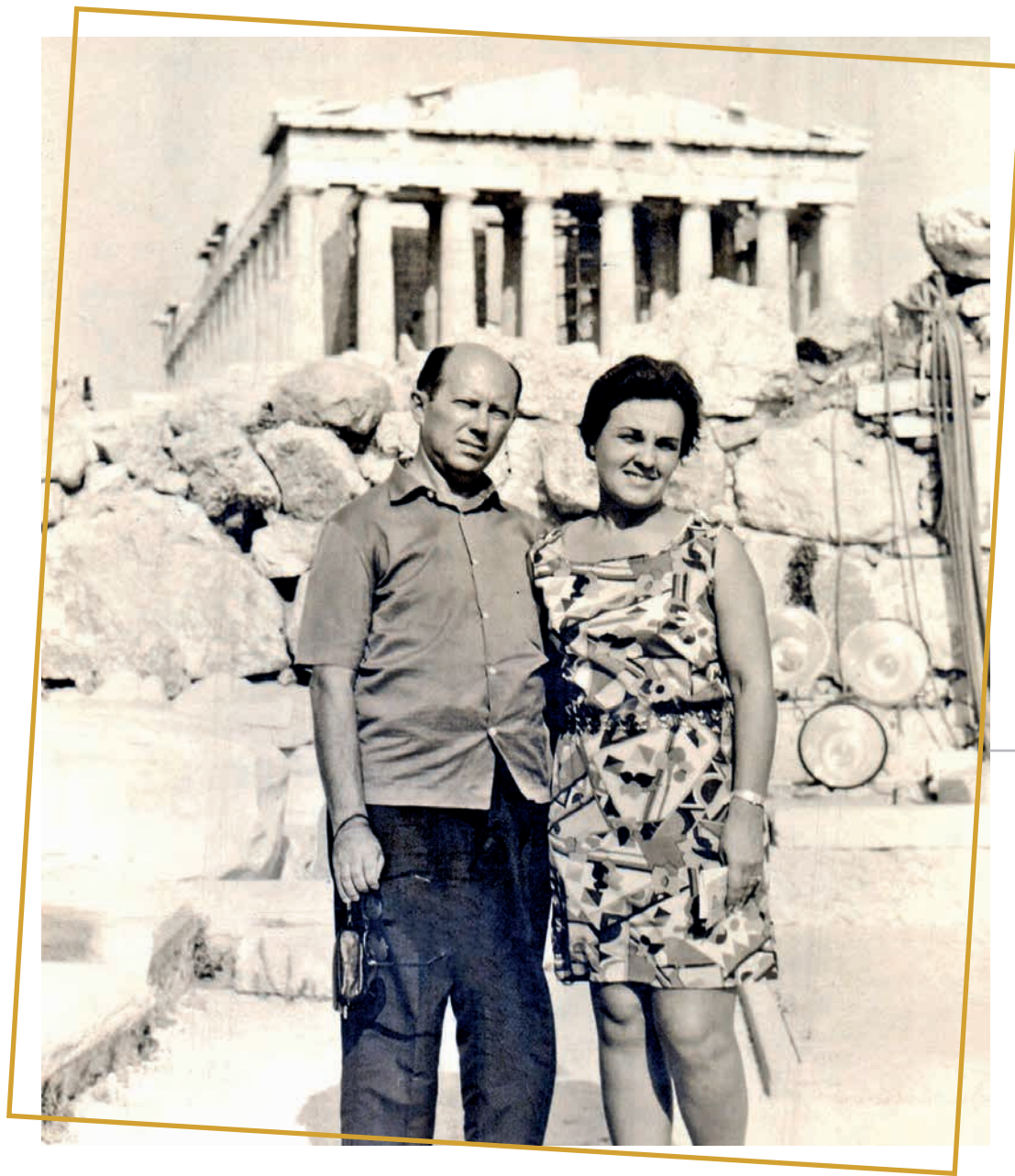


Volta ao Mundo

Acrópole/Atenas

“Fomos à Porta das Leas, dos poucos trechos da Acrópole ainda de pé e por onde se vai, como o fomos, ao túmulo de Agamenon, cuja máscara de ouro nos deslumbrou no Museu de Atenas e remonta há uns mil e quatrocentos anos antes de Cristo”.

(Página 149 – livro “Portugal e Outras Pátrias”).



Osmundo e Cybele na Acrópole de Atenas, a mais conhecida e famosa acrópole do mundo (Foto álbum de família)



Almoço na indústria Mecesa. Aparecem na foto, o então governador Flávio Marcílio (que havia sido eleito vice-governador na chapa de Paulo Sarasate, em 1954. Assumiu a governança quando o titular renunciou para se candidatar a deputado federal, em 1958), o industrial Fernando Gurgel e Osmundo Pontes (Foto álbum de família)

1959

1962

O juiz Osmundo Pontes, então titular da 1ª Junta de Conciliação e Julgamento (JCJ) discursando, tendo à sua direita o presidente do TRT/CE, Aufran Nunes e à sua esquerda o vice da instituição, Juarez Bastos (Foto álbum de família)





Entre os anos de 1946, quando foi criado o Tribunal Regional do Trabalho da 7ª. Região, e 1988 a jurisdição do TRT da 7ª Região, instalado em Fortaleza, também, resolvia causas trabalhistas nos Estados do Piauí e Maranhão. Nesse ano, 1965, o então governador do Maranhão, José Sarney, recebeu o juiz Osmundo Pontes. Em 1989, foi instalado o TRT da 16ª Região – Maranhão, sendo desmembrado, portanto (Foto álbum de família)

1965

1969

Nomeado pelo presidente da República, Artur da Costa e Silva, como juiz do trabalho de segunda instância, Osmundo Pontes tomou posse, em cerimônia simples e rápida, no Gabinete do Presidência do TRT/CE. Também era usada, informalmente, a denominação juiz togado. (O vocábulo desembargador do trabalho só passou a ser designado aos juízes de segunda instância a partir de 2012, em resolução aprovada pelo Conselho Superior de Justiça do Trabalho - CSJT). Os magistrados aposentados e os falecidos, também, passaram a ser designados pela expressão desembargador do trabalho.

1972

Solenidade de posse
de Osmundo Pontes
na direção do Fórum
Autran Nunes

A solenidade foi prestigiada por juizas e juizes titulares que trabalhavam na primeira instância. Da esquerda para a direita: Vicente Cândido Neto, Irisman Alves Cidade, Osmundo Pontes, Laís Rossas Freire, Antônio Marques Cavalcante e Tarcísio Lima Verde
(Foto álbum de família)



O antigo Fórum
trabalhista de
Fortaleza ocupava
prédio localizado entre
as Avenidas Duque
de Caxias e Tristão
Gonçalves, no Centro
da Capital
(Foto Memorial do
TRT-CE)



1976

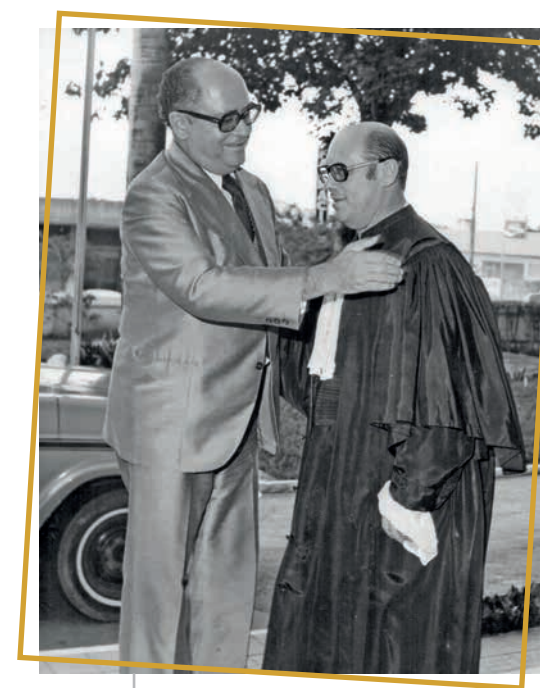
Em solenidade prestigiada por autoridades e lideranças do Ceará, o juiz Osmundo Pontes é alçado à Presidência do TRT/Ceará para o biênio 1976/1978



Governador do Ceará, Adauto Bezerra
(Foto álbum de família)



Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará, professor Antônio Martins Filho
(Foto álbum de família)



Prefeito de Fortaleza, Evandro Ayres de Moura
(Foto álbum de família)

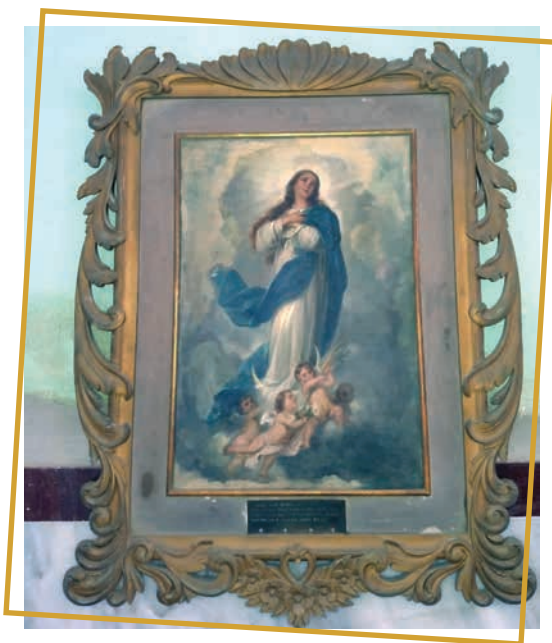
1976

Lançado o primeiro número da Revista do TRT da 7ª Região, por ocasião da posse do juiz togado Osmundo Pontes na Presidência do Tribunal. Além de publicar feitos da Justiça do Trabalho do Ceará, nessa primeira edição, a publicação contou com trabalhos de doutrina de eminentes mestres, com Mozart Russomano, Coqueijo Costa, Arnaldo Sussekind, Itamar Espindola, Lauro Maciel e J. Antero de Carvalho
(Foto álbum de família)



1977

O casal Osmundo e Cybele Pontes fez doação à Igreja Matriz de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Massapê, de um quadro sob o título "Madona". A peça artística foi adquirida de um pintor francês, em Paris
(Foto álbum de família)



Inauguração do "Gabinete Dentário", instalado na sede do TRT/CE. Na ocasião, a placa comemorativa foi descerrada pelo o então vice-presidente, Paulo Porto. Também estão na foto, da esquerda para a direita, os seguintes juizes de segunda instância: Manoel Arízio Eduardo de Castro, Antônio Marques Cavalcante, Adauto Fernandes e Osmundo Pontes
(Foto álbum de família)



1978

Naquele ano, o juiz Osmundo Pontes tornou-se pela segunda vez presidente do TRI/CE. Na sequência de fotos, registro do novo titular da Justiça do Trabalho no Ceará, para o biênio 1978-1980, recebendo cumprimentos de autoridades, familiares e de amigos.



Autoridades civis, militares e eclesiásticas juntaram-se ao recém-empossado para a foto oficial (Foto álbum de família)



Centenas de convidados foram prestigiar o ato solene (Foto álbum de família)



Dom Aloísio Lorscheider, Arcebispo de Fortaleza (Foto álbum de família)



Senador Mauro Benevides (Foto álbum de família)



Irmão, Oswaldo Pontes (Foto álbum de família)

1978

Osmundo Pontes, recebendo o título de Cidadão de Sobral. Na foto, da esquerda para a direita: José Euclides Ferreira Gomes, prefeito de Sobral, Osmundo Pontes, Cybele Pontes, Paulo da Silva Porto, vice-presidente do TRT/CE à época
(Foto álbum de família)



Sob o patrocínio do Tribunal Regional do Trabalho do Ceará, foi realizado entre os dias 14 e 15 de agosto, no Centro de Convenções de Fortaleza, o Seminário Latino-Americano de Direito do Trabalho. Promoveram o evento a Academia Íbero-Americana de Direito do Trabalho e da Previdência Social e o Instituto Latino-Americano de Direito do Trabalho e da Previdência Social. Entre os inscrites para o evento, a grande maioria era formada por advogados e, especialmente, por estudantes de Direito.

Durante a programação social do Seminário Latino-Americano do Direito do Trabalho, momento de descontração entre Osmundo Pontes, o ministro do Trabalho, Victor Russomano e o empresário cearense, Édson Queiroz (Foto álbum de família)



O então governador, Waldemar Alcântara, prestigiou o evento (Foto álbum de família)



O general Sérgio Ari Pires, comandante da 10ª Região Militar, na foto, é anfitrião por Osmundo Pontes (Foto álbum de família)



1979

Flagrante do
Congresso
Internacional de
Direito do Trabalho
(Foto álbum de
família)



A abertura do Congresso Internacional de Direito do Trabalho, realizado no período de 19 a 21 de setembro, no Centro de Convenções, em Fortaleza. Em seu discurso de encerramento do conclave, Osmundo Pontes salientou que “sairemos daqui, cheios de maiores esperanças na Justiça Trabalhista, fitando-a de frente, crendo mais do que nunca na sua função normativa e pacificadora, como que iniciando dias novos ou inaugurando concepções mais humanas”.

Manoel de Castro Filho, como
vice-governador, representou
o governo estadual
(Foto álbum de família)



Manassés, Maria Pontes
e seus descendentes
(Foto álbum de família)



A aposição da foto de
Osmundo Pontes na galeria
dos presidentes do TRT/
CE. A solenidade colocação
da imagem foi presidida
pela senhora Cybele Pontes,
esposa do homenageado
(Foto álbum de família)

Celebração de bodas de diamante, nos 60 anos de união do casal Manassés e Maria Pontes

Volta ao Mundo

Rússia

“É como se passa com os cantores. Pode-se ter talento, mas para ser grande é preciso também dedicação” – afirmou-nos em Moscovo, nos bastidores do famoso Teatro Bolshoi, Sofia Golovkina, loira, de olhos azuis, primeira bailarina de quarenta e cinquenta e, agora, já velhusca, dirigindo a escola em que seiscientos alunos estudam para o estrelato nos palcos mundiais”.

(Página 190 – livro “Portugal e Outras Pátrias”).

Osmundo e Cybele na Praça
Vermelha, em Moscou
(Foto álbum de família)



1980

Solenidade de entrega do título de Cidadão Cearense, realizada na Assembleia Legislativa

Estão na foto o então presidente da antiga Junta de Conciliação e Julgamento, juiz Antônio Marques Cavalcante; o homenageado e o deputado Paulo Benevides, presidente da Assembleia Legislativa (Foto álbum de família)



Na oportunidade, o homenageado foi cumprimentado pelo deputado federal Lúcio Alcântara (Foto álbum de família)

1984

Em casa, recebendo
parentes e amigos



Aparecem na foto, da esquerda para a direita: João Gurgel, Oswaldo Pontes, Armando Vasconcelos, Northon Andrade e Osmundo Pontes
(Foto álbum de família)

Volta ao Mundo

Índia

“Fomos visitar o túmulo de um homem em nada crotálico e periculoso, um homem manso e querido, mártir de suas próprias ideias de paz e independência. Ali jaz, à espera, sem dúvida, de que toquem as trombetas do Juízo Final para levantar-se, um dos maiores líderes da independência da Índia: Mahatma Ghandi”.

(Página 238 – livro “Portugal e Outras Pátrias”).



Osmundo e Cybele visitam o túmulo de Mahatma Ghandi
(Foto álbum de família)

1986

Posse de Osmundo Pontes na Presidência do Tribunal Regional do Trabalho do Ceará, para o biênio 1986-1988



O magistrado retornou à Presidência da instituição trabalhista, pela terceira vez
(Foto álbum de família)



O presidente do Tribunal Superior do Trabalho, ministro Coqueijo Costa, saúda o recém-empossado
(Foto álbum de família)



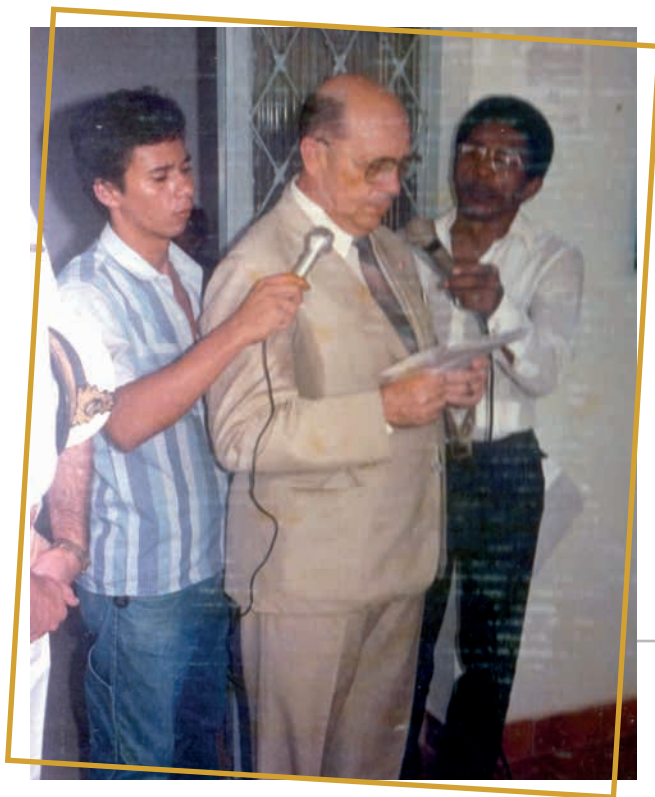
Gonzaga Mota, governador do Ceará à época, compareceu ao evento (Foto álbum de família)



Foto oficial dos juizes membros da egrégia corte naquela gestão. O presidente, à esquerda, na primeira fila, juntamente com Cícero Ferraz e Nazareth Cardoso. Na fila seguinte, da esquerda para a direita: Elias da Cunha, Manoel Arízio Eduardo de Castro, Antônio Marques Cavalcante e Hélio Guedes (Foto álbum de família)

1986

Seminário de Direito do Trabalho comemorativo aos 40 anos do Tribunal Superior do Trabalho, ocorrido em Brasília (Foto álbum de família)



Criada na gestão do juiz Osmundo Pontes a Junta de Conciliação e Julgamento da cidade maranhense de Imperatriz. A solenidade aconteceu no dia 16 de dezembro. Naquele tempo, a jurisdição do Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região também abrangia os estados do Maranhão e do Piauí. Com a Constituição de 1988, houve o desmembramento, com a criação de outros vários tribunais, entre os quais o do Maranhão. No Piauí, também, foi instituído o Tribunal Regional do Trabalho da 22ª Região (Foto álbum de família)

1988

Solenidade de abertura. Da esquerda para a direita, Mozart Victor Russomano, ministro do Tribunal Superior do Trabalho, Osmundo Pontes, Tasso Jereissati, governador do Ceará e Marcelo Pimentel, presidente do Tribunal Superior do Trabalho
(Foto álbum de família)

V Jornada Luso-Espano-Brasileiras de Direito do Trabalho, realizada no mês de março, em Fortaleza. A iniciativa foi promovida pelo TRT/CE, com o patrocínio da Academia Nacional de Direito do Trabalho (Brasil), Academia Íbero-Americana de Derecho del Trabajo (Espanha), Universidade Federal de Lisboa (Portugal), Associação dos Advogados Trabalhistas do Brasil e Ordem dos Advogados do Brasil – OAB-CE



Durante o evento, Osmundo Pontes autografou livros de sua autoria
(Foto álbum de família)



Auditório do Centro de Convenções ficou lotado
(Foto álbum de família)

1988

Em janeiro, Osmundo Pontes toma posse, na Presidência da Academia Cearense de Retórica – Acere. Na foto, ladeado pelos acadêmicos Antenor Barros Leal (E) e Ribeiro Ramos (D)
(Foto álbum de família)



1989



Confraternização dos concludentes do ginásio e pré-universitário do Colégio Castelo, pela passagem dos 50 anos de término de curso
(Foto álbum de família)

1989

O novo integrante da Academia Cearense de Letras recebe o diploma de acadêmico do presidente da instituição, Cláudio Martins
(Foto álbum de família)

Posse de Osmundo Pontes na Academia Cearense de Letras - Cadeira de nº 21 – patrono José de Alencar. A solenidade aconteceu no Pleno do Tribunal Regional do Trabalho do Ceará. Na ocasião, o novo membro da ACL foi saudado pelo acadêmico Eduardo Campos. Trecho do discurso: “A toda certeza, senhor juiz Osmundo Pontes, sois (*sic*) um humanista debruçado sobre o mundo, não contentado na usura de ver a própria interioridade, mas a grandeza da dimensão humana das “outras gentes” de que nos fala o autor de “Os Lusíadas”. Em todos os momentos em que empreendeis, o anejo marinho de permanente predisposição para partir, que sois, não decorre apenas da efetivação de contemplativo turismo, mas de verificação, da real interpretação de pessoas e paisagens, que, aparentemente alheias, vos tocam sempre o coração, desejavelmente caras”.



Sessão na Academia Cearense de Letras
(Foto álbum de família)

Volta ao Mundo

Tailândia

“Estamos em Bangkok. Já tínhamos visitado o Templo de Buda deitado, quando rumamos para o lugar descoberto e elevado, consagrado ao Buda em Pé, com seus cento e cinquenta pés de altura. A impressão é magnífica e inesquecível”.

(Página 231 – livro “Portugal e Outras Pátrias”).



Osmundo e Cybele,
juntamente com outro
casal, em Bangkok
(Foto álbum de família)



1995

Francisco Osmundo Pontes faleceu, em Fortaleza, no dia 11 de junho, aos 75 anos de idade, cinco anos após a sua aposentadoria do serviço público.

1995

A entrega do Prêmio de Literatura Osmundo Pontes acontece exatamente no dia do aniversário dele, 4 de novembro. A família comemora. A viúva, senhora Cybele, ao lado dos filhos, José Carlos, Osmundo Filho e Anisia Maria (Foto álbum de família)



Vencedores da mais recente edição do Prêmio, em 2018: Neide Azevedo Lopes e Carlos Augusto Viana, com a patronesse do evento, Cybele Pontes (Foto álbum de família)

Logomarca do Prêmio Osmundo Pontes



No ano do falecimento de Osmundo Pontes, a sua família, aliada à Academia Cearense de Letras, organizou o 1º Prêmio Osmundo Pontes de Literatura, tendo como vencedores José Maria Mapurunga Filho, poesia, e Carlos Alberto Medeiros, poemas. A iniciativa cultural foi instituída por expressa vontade de seu patrono, premiando os melhores livros, em diversos gêneros literários, essencialmente de autores cearenses. A mais recente edição do Prêmio aconteceu em 2018, sendo vencedores Neide Azevedo Lopes - conto, e Carlos Augusto Viana na categoria ensaio.

Daí em diante, todos os anos realiza-se uma bela festa literária, que também conta com o apoio a Sociedade das Amigas do Livro (SAL), que tem como membro a viúva de Osmundo, senhora Cybele Pontes. Segundo ela, “o prêmio foi elaborado de acordo com a vontade de Osmundo, como uma forma de reconhecer escritores cearenses e incentivar aqueles que desejam crescer na área literária”. Neste ano de 2020, a edição do Prêmio não acontece, devido à pandemia provocada pela covid-19, doença causada pelo coronavírus.



Vencedores da edição 2011 do Prêmio Osmundo Pontes. Estão na foto, da esquerda para a direita: Cleudene de Oliveira (categoria ensaio literário); senhora Cybele Pontes; Ângela Gutiérrez (categoria contos), a escritora é a atual presidente da Academia Cearense de Letras; o acadêmico Pedro Henrique Saraiva Leão; Raymundo Netto (categoria contos) e o escritor Ubiratan Diniz de Aguiar, membro da Academia Cearense Letras (Foto álbum de família)

2001

Os bacharéis em Direito da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará homenagearam o desembargador Osmundo Pontes, denominando a turma de formandos, daquele ano, com o seu nome (Foto álbum de família)



2004

Em ato solene realizado na sede da Academia Cearense Letras *in memoriam*, o desembargador Osmundo Pontes foi homenageado com o título Retor Padrão (mestre em Retórica), pela Academia Cearense de Retórica. À época, o então presidente da referida Academia, Maurício Cabral Benevides, ressaltou o brilhante trabalho desenvolvido por Osmundo Pontes, na condição de presidente, por três gestões consecutivas. Segundo ele, “o Dr. Osmundo Pontes procurou com abnegação e talento, robustecer o prestígio da Instituição no universo cultural cearense”.



O presidente da Academia Cearense de Retórica, Maurício Cabral Benevides, recepciona a viúva do desembargador Osmundo Pontes, senhora Cybele Pontes (Foto álbum de família)

2006



Durante a Gestão 2004-2006 do desembargador Antônio Marques Cavalcante Filho à frente do Tribunal Regional do Trabalho do Ceará, foi inaugurado o Fórum Osmundo Pontes e a primeira Vara do Trabalho no município de Maracanaú, tendo como titular o juiz Carlos Alberto Trindade Rebonatto. A nova vara trabalhista foi criada com o objetivo de atender a uma das mais importantes áreas sócio-econômicas do Estado, pois Maracanaú, situado na Região Metropolitana da Capital, possui a maior arrecadação de impostos, depois de Fortaleza. Além do município sede, aquela instituição de primeiro grau também atende aos municípios de Maranguape, Pacatuba, Guaiuba e Itaitinga.

A solenidade de inauguração do Fórum Osmundo Pontes e da 1ª Vara do Trabalho em Maracanaú foi abrilhantada pela presença do Coral Sétima Voz, composto por servidores do TRT/CE (Foto álbum de família)



Momento em que a família do desembargador Osmundo Pontes adentrava ao recinto do Fórum
(Foto álbum de família)



Senhora Cybele Pontes falou pela família do homenageado
(Foto álbum de família)



O presidente do TRT/CE, desembargador Antônio Marques Cavalcante Filho, ressaltou a importância do Fórum e da Vara do Trabalho para a região
(Foto álbum de família)

As solenidades aconteceram, no dia 9 de março, dentro das comemorações de emancipação do município, antigo distrito de Maranguape. Na ocasião, falaram o prefeito de Maracanaú, Roberto Pessoa; o desembargador Antônio Marques Cavalcante Filho; e Cybele Pontes, viúva de Osmundo Pontes.

Em 2012, na Gestão 2010-2012 do presidente do TRT/CE, desembargador Cláudio Soares Pires, foi inaugurada a 2ª Vara do Trabalho de Maracanaú, no Fórum Osmundo Pontes.

Descerramento do retrato do desembargador, Osmundo Pontes, na sala principal do Fórum
(Foto álbum de família)





2010

A memória do desembargador Osmundo Pontes também está preservada na biblioteca do Campus Experimental de Educação Ambiental e Ecologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). No dia seis de fevereiro daquele ano, foi descerrada a placa denominando espaço daquela área de pesquisa de Biblioteca Desembargador Osmundo Pontes.

O Campus Experimental, localizado no município de Pacoti/CE, abriga atividades transdisciplinares, prioritariamente de formação e de extensão, educativas, culturais e de desenvolvimento humano, coerentes com os princípios e referenciais teóricos defendidos, levando em consideração o que pensam e o que sentem as pessoas das comunidades.

CAMPUS EXPERIMENTAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ECOLOGIA DA UECE

Cid Ferreira Gomes
GOVERNADOR

René Teixeira Barreira
SECRETÁRIO

Francisco de Assis Moura Araripe
REITOR

Antonio de Oliveira Gomes Neto
VICE-REITOR

Celina Magalhães Ellery
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

BIBLIOTECA DESEMBARGADOR OSMUNDO PONTES

Magistrado, escritor, jornalista nasceu em Lábria/Amazonas, no dia 04 de novembro de 1920, mas desde criança radicado no Ceará. Colou grau em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1945. Foi desembargador do Tribunal Regional do Trabalho, tendo sido seu presidente por três vezes.

Teve destacada atuação como jornalista. Fundou a Revista Contemporânea e o jornal Diário da Tarde, além de ter colaborado com diversos jornais do Ceará, Piauí e Maranhão. Suas produções literárias revelam um viajante atento, um estilista conciso, mas expressivo. Editou, com êxito, "Portugal e outras Pátrias", "China - Homem e Paisagem", "Portugal dos Meus Amores", "Alma do Cotidiano" e outros.

Pertenceu a prestigiosas entidades culturais. Ressaltamos: a Academia Cearense de Retórica, da qual foi um dos fundadores e presidentes; Academia Cearense de Letras; Academia Nacional de Direito do Trabalho.

Estabeleceu no seu testamento, que parte de seu espólio deveria ser utilizado para a instituição de um prêmio literário anual, administrado pela Academia Cearense de Letras. Surgiu, então, o Prêmio Osmundo Pontes de Literatura.

Inauguração: 06 de fevereiro de 2010

Realização:



Apoio:



2020



Cybele Valente Pontes

“Um companheiro para todo o sempre”

Este livro de bela apresentação, textos bem escritos e fotos verdadeiras contém páginas evocativas de momentos de justo enlevo emocional. São instantes que me permitem lembrar toda uma vida repleta de feitos e de significativas recordações: o início de um relacionamento de muito encanto; a certeza de ter encontrado um companheiro para todo o sempre; a construção de um lar; a chegada dos filhos; viagens encantadoras; a partilha da intensidade dos longos dias e das emoções de um magistrado responsável e correto; a publicação de seus livros e por fim o alcance do título de acadêmico, o ápice para um escritor.

Foram quarenta e cinco anos vividos juntos, dividindo todas as horas fiéis ao juramento sagrado assumido aos pés do altar e mais fiéis ainda ao compromisso de dois corações que batiam no mesmo ritmo.

Temos ainda a ordenada sequência de acontecimentos que marcaram uma vida de amor, de afeto, de responsabilidades e de sonhos realizados espargindo felicidades.

É muito bom comemorar um passado que lhe é grato!

Por tudo isso devo efusivos agradecimentos àquele que decidiu biografar o estimado amigo com quem conviveu e muito admirou. Obteve integral apoio da família cativa de uma ideia que era sua e de muitos outros.

Os fatos narrados aqui fazem parte de felizes, belas e inesquecíveis lembranças, hoje, transformadas em exemplo para os pósteros e relicário para os que o amam indefinidamente.

Sempre



O Biógrafo

Minuciosos detalhes

*Luiz Pedro Neto **

○ convite que recebi do amigo jornalista Eliézer Rodrigues para apresentá-lo como autor do seu segundo livro representa uma honra e uma grande responsabilidade. Trata-se de uma missão fácil pela grandeza e qualidade do conteúdo gerado pela capacidade criativa do profissional ao longo de quase meio século de uma atuação inovadora, irrequieta e questionadora na imprensa cearense. Quero agradecê-lo por confiar tão relevante tarefa.

Conheço o jornalista e agora biógrafo desde o fim dos anos 1970, quando ainda jovem, recém-graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), cheguei à redação do jornal O Povo. Eliézer também era egresso da UFC e nome de destaque como um produtor de matérias e reportagens focadas em temas ligados à educação, à cultura e às artes.

Fizemos parte de uma geração que não se limitava a debater nas reuniões de planejamento da redação os palpitantes e polêmicos temas que alimentavam as pautas diárias. Muitas vezes, as nossas discussões extrapolavam os muros da redação, num debate saudável e construtivo sempre em busca de um bom jornalismo.

Costumo dizer que nem sempre um bom repórter - por melhor que seja seu texto - será um bom editor. A função de editar requer outros critérios fundamentais, dentre os quais a criatividade e a inovação, além de saber liderar o grupo. O Eliézer que conheci no O Povo conseguiu fazer bem a fusão dessas duas funções. Por várias vezes o vi deixar a redação, ao lado de um fotógrafo, para trazer grandes reportagens. Não media esforço para esse fim, como fez, por exemplo, ao subir à cabine de uma caçamba para entrevistar pessoas que trabalhavam com o lixo recolhido nas ruas e avenidas de Fortaleza.

E como editor foi também responsável por contribuir para o aperfeiçoamento profissional das novas gerações ao repassar a sua vasta experiência na produção jornalística. Ele sabia que o resultado final do seu trabalho dependeria também da boa capacidade do grupo para responder positivamente ao sair às ruas em busca daquilo que é o bem mais preciso no jornalismo: a verdade bem apurada.

Faço questão de recordar aqui um fato ocorrido no ano de 1985, no O Povo. À época eu ocupava a Chefia de Reportagem, hoje transformada em Editoria de Cidades ou Cotidiano. Fui chamado à sala

do diretor-editor, o jornalista Tancredo Carvalho, que buscava solução para um problema na redação: a Editoria de Esportes, onde atuei por muitos anos, estava prestes a ficar sem editor.

Tancredo indagou-me se teria algum nome para sugerir. Fui rápido e objetivo na resposta: “Você coloca o Eliézer na Chefia de Reportagem e eu retorno ao Esporte”. Quem não deve ter gostado muito da solução foi o próprio Eliézer, que precisou suspender o período de férias para assumir a nova função. Confesso que, ao dar a sugestão, estava fazendo por confiar na capacidade do colega, o que se confirmou durante todo o período em que estive à frente do setor.

A criatividade sempre foi uma das marcas do profissional Eliézer Rodrigues. Basta viajar um pouco no tempo e recordar diversas iniciativas que mexeram com a cultura e as artes em Fortaleza. Esteve frente a frente, entrevistando grandes nomes da música brasileira, mantendo sempre sua postura de questionador mesmo diante de Eleazar de Carvalho, Elis Regina, Roberto Carlos, Paulinho da Viola, Gilberto Gil e Milton Nascimento, dentre tantos.

Quando decidiu por livre e espontânea iniciativa declarar-se precocemente aposentado das redações, após passagens brilhantes pelos dois principais jornais de Fortaleza - O Povo e Diário do Nordeste - o autor foi levado por sua inquietude a ousar mais uma vez com a revista Plural, que veio para marcar um capítulo na história do bom jornalismo cearense.

O primeiro número foi lançado em outubro de 1998 e já sinalizava que a publicação nascia focada no resgate de histórias e de personagens do cotidiano do nosso Estado. Tudo relatado sob um olhar diferente, sensível e humano, que fosse possível alcançar aspectos nunca antes emergidos. Com o passar do tempo, Plural passou a ser Singular, conservando, porém, sua pluralidade de ideias e pensamentos, conforme concebida pelo seu criador.

E no fim do ano passado, ei-lo trazendo uma grata e promissora surpresa, ao estreiar na literatura cearense, lançando “A avenida Santos Dumont no contexto da cidade”, uma bem elaborada obra, resultado de um aprofundado e cuidadoso trabalho de pesquisa. Com ricos detalhes, mostrou a construção da trajetória de uma das mais importantes artérias de Fortaleza.

Agora nos apresenta seu segundo trabalho literário. Mais uma vez, mergulha fundo na história, indo até a fronteira do Brasil com a Bolívia, para trazer a biografia do desembargador do Tribunal Regional do Trabalho Francisco Osmundo Pontes, um jurista que honrou a magistratura cearense.

A história do biografado, cheia de minuciosos detalhes, faz parte da segunda obra literária que o talento do jornalista Eliézer Rodrigues coloca em nossas mãos.



*Luiz Pedro Neto é jornalista

Composição do TRT/CE – Gestão 2018-2020

Presidente

Desembargador do Trabalho Plauto Carneiro Porto

Vice-Presidente

Desembargadora do Trabalho Regina Gláucia Cavalcante Nepomuceno

Corregedor-Regional

Desembargador do Trabalho Emmanuel Teófilo Furtado

PLENO

Desembargador do Trabalho José Antonio Parente da Silva (Decano do Tribunal)

Desembargador do Trabalho Cláudio Soares Pires

Desembargadora do Trabalho Maria José Girão (Vice-Diretora de Escola Judicial)

Desembargadora do Trabalho Maria Roseli Mendes Alencar

Desembargador do Trabalho Francisco Tarcísio Guedes Lima Verde Júnior (Diretor da Escola Judicial)

Desembargador do Trabalho Jefferson Quesado Júnior

Desembargador do Trabalho Durval César de Vasconcelos Maia

Desembargadora do Trabalho Fernanda Maria Uchoa de Albuquerque (Ouvidoria-Geral)

Desembargador do Trabalho Francisco José Gomes da Silva (Ouvidor-Geral Substituto)

Desembargador do Trabalho Paulo Régis Machado Botelho

Desembargador do Trabalho Clóvis Valença Alves Filho

Memória, a linha que tece o tecido da história...

Tal qual fiandeira, Eliézer Rodrigues teceu fio a fio cada detalhe histórico que por seu olhar fosse redescoberto estabelecendo novas relações de similitudes e rememoração.

Tecelão das palavras e dos fatos, investigou e ressignificou contextos atando fios que não imaginávamos conexão nos levando a conhecer mais sobre Francisco Osmundo Pontes e sua instigante passagem por este mundo.

A leitura fará perceber ao leitor que o ineditismo das informações convergem para uma ligação quase poética, em delicada trama, entre os eventos e os personagens aqui apresentados.

Nenhum fio está solto e a memória lindamente resguardada torna este livro, para os apreciadores da nossa história, um patrimônio coletivo dos cearenses.

“Entre a toga e a crônica - Osmundo Pontes – 100 anos”.

Boa leitura.

Cláudia Giovana

curadora do Memorial do
Tribunal Regional do Trabalho do Ceará

Realização:



Tribunal Regional do Trabalho
7ª Região | Ceará



9 786555 560848